

Era-te a vida um sonho : indefinido
E tenue mas suave e transparente.
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido

Lisboa: 16 de janeiro de 1894

ANTHERO DO QUENTAL

Das traducções rumena, polaca, bohemita, russa, slovena, eslovaca, croata, albanesa, daco-saxonia, breta, daco-cigana, irlandeza, hebraica, arabe, finlandeza, hungara e basca... infelizmente nada podemos dizer, e temos pena. Entre os membros effectivos da Padaria não se achou quem percebesse coisa alguma desses idiomas. É uma vergonha, mas é verdade.

Das que podemos entender ou achamos quem nos lesse e explicasse, parecem-nos mais felizes e fiéis as francezas de Alice Moderno, Tommaso Cannizzaro, Achille Milten, Maxime Fromont e Th. de Puymaigre, as italianas de G. Cellini e Prospero Perugallo, as inglezas de E. Prestage e Helen S. Conant, as tres allemãs, especialmente a de Wilhelm Storch, as hespanholas de Francisco Sellen, Ricardo Palma e Nunez de Arce, e a dinamarcheza de A. Richner.

Si das caselhannas citamos em ultimo lugar a que vem firmada por nome mais illustre, é que, alem de reduzir as rimas tão ricas da composição portugueza a rima toante quasi imperceptivel para ouvidos não hespanhoes, termina com uma apostrophe inteiramente extranha ao original e de fraquissimo effecto—Descauça... Naquelle delicadeza aerea, leve, no meio d'aquelle bouquet de idéas tenues, de phrases vaporosas, de formas immateriaes que pairam sobre as quadras de Anthero não existe absolutamente, além de fadiga ou trabalho que possa suggerir a de descanço. Assim tambem na italiana, alias excellente de Cannizzaro, as idéas de *fogo ardente* e de *fiescura da rosa* são extranhas ao original e desioam do tom geral dos versos.

O mesmo occorre observar em quasi todas as outras que não salientamos, embora nenhuma se possa considerar defeituosa.

A allemã de J. Stritar é de grande fidelidade, mas em ser fiel perdeu, passando para lingua tão diversa, a concisão do original, vendo-se o traductor obrigado a usar versos muitos mais longos que os portuguezes.

Entre as numerosas versões dialectaes, mas o menos accessiveis á nossa comprehensão, ha tambem algumas felicissimas.

Podemos venni para transcrever a traducção gallega de M. Carros y Enriques, ja por ser uma das mais felizes, ja por ser accessivel a todos os nossos leitores :

Ditozo quem pason por entr'a magoa
Las pasiones d'a existencia tormentosa,
Deporcatado, como pasa a rosa
E leve como a sombra sob'a agoa.

Era tua vida um sono, indefinido
E tenue, pero doce e transparent
Acordache, sorriste... e vagamente
O sono continuache interrompido.

Madrid.

M. Carros y Enriques

A «Padaria» teve a felicidade de ser distinguida com um exemplar (o n.º 33) cujo valor se augmenta com a lisongeira e affectuosa dedicatória nelle tracada pelo illustre poeta a quem as bellissimas quadras foram dedicadas.

Tem assim adquirido um valor inestimavel o livrinho que com avarento cuidado guardamos no lugar de honra em nossa bibliotheca, vigiando sempre desconfiados, uns nos outros o olhar de cobiza que cada um lhe volve.

Agosto—1894.

BRUNO JACY.

Symphonia de abertura

A vida é um turvo oceano
ora tranquillo e ora insano :

Se um roseo sonho floresce,
uma vaga se intumescce,

mas se uma illusão se apaga,
desfaz o tempo uma vaga;

Se a alma nutre uma esperanza,
ha sempre calma e bonança,

mas se a desercença invade a alma
não ha bonança e nem calma;

Se o coração pulsa, amando,
ella é um mar sereno e brando;

Se o coração de odio pulsa,
ella é indomita e convulsa...

E assim, entre o riso e a magua,
vamos neste mar de abrolhos :
ora — os olhos cheios d'agua —
e ora — com o riso nos olhos !...

Ceará—Agosto—1895

SABINO BAPTISTA.

(DO HINO—VAGAS)

Dona Guilmar

... A Escagnolle Doria,
alma de Artista, está
pagino da vida de Dona
Guilmar...

... Dona Guilmar está toda de branco. Dona Guilmar vae-se baptisar. Pequena graciosa, um anno talvez, levam-a, camilha da igreja. Alva da cor do seu berço estreito e da coifa da avosinha, laços de fita, muitos laços compridos e largos enfeitam Dona Guilmar. Rosto delicado e fransino, uns olhos ternos e puros, a creança faz o encanto dos seus paes.

Bejam-a, todos a bejam. A sua bocca, os seus labios de escarlata vivo pedem caricias e ternuras...

Vae a igreja, padrinhos parmentados, fatos reluzentes e novos, os bons padrinhos, conduzem-a ao collo.

O velho padre, com a sua melhor veste, já espera Dona Guilmar... Os sinos bimbalham, festivos e alegres. Pois se Dona Guilmar vae-se baptisar!...

Dona Guilmar está toda de branco. Dona Guilmar vae receber a primeira communhão. Dona Guilmar esta mais bonita com os seus quinze annos festos. Vae um pouco pallida e comovida, através do seu veo cor de neve. Flores de laranjeira cercam-lhe a cabeça alva.

Camilha, camilha para a igreja... Parentes e amigos, moças formosas como ella, acompanham-a. Dona Guilmar tem vestido de cauda, vestido todo de seda branca... O padre, muito serio se aborrece de esperar a moça que vae receber a communhão... Remete-se silencio, palavras para Dona Guilmar: «A communhão, elle ha de dizer, é o corpo sacramentado que se recebe na hostia consagrada, ou no pão e vinho consagrado... União entre os christãos, communicação com Christo...» Isso leu ja nem sabe onde; hade repetir, repetir, porem para Dona Guilmar... Ella tem os olhos negros, muitos vivos e promettedores... O velho padre, quando vê entrar a moça bonita, manda tocar os sinos.

Dona Guilmar vae receber a primeira communhão...

Dona Guilmar está toda de branco. Dona Guilmar vae casar. Está contente e alegre, toda satisfeita e feliz. Ella tem ao lado, pelo braço, o seu noivo muito querido e amado.

Os seus olhos pretos brilham intensamente, numa fixidez cheia de vida.

O desejado já nem pode sustentar os olhares de Dona Guilmar... Ella tem as faces mais rosadas, o andar altivo dos vinte annos. Vae orgulhosa do seu noivo... É esbelta e deliciosa.

Os seus pés pequenos mal tocam o lagado, rogando-o. E toda de branco, toda de branco! Tem flores de laranjeira, immensas flores alvas... O seu veo é de seda de Hespanha, arro deando o vestido todo. As amiguinhas — as deliciosas amiguinhas de Dona Guilmar! — murmuram coisas interessantes e ironicas ao ouvido da noiva, e pedem botões de laranjeira... Não se a mesma porque, Dona Guilmar conta, entre risadas festivas.

O velho religioso inaugura umas vestes novas ao folho; hade recitar phrases sentidas, tocantes; pois se elle conhece e estima Dona Guilmar!

Na sua passagem todos bendizem o casal; todos desejam-lhe felicidades.

E os sinos, na sua linguagem cantante, parecem dizer: Dona Guilmar vae casar, Dona Guilmar vae casar!

... Dona Guilmar está toda de branco. Dona Guilmar vae para o cemiterio. Ella tem os olhos cerrados, sem vida, já toda ella muito pallida...

Está fria, faces côr de neve, brancas, muito brancas... Deitada no campo no seu bello caixão alivo, as suas companheiras conduzem-a chorando baixo... O caixão é muito rico: sêda e enfeites de ouro e prata. As alegrias são as mais bellas que tem apparecido.

Coitadas das amigas de Dona Guilmar que vão todas contrictas, coitadas do marido da moça morta aos vinte e um annos em flor, coitada de Dona Guilmar!...

Porque a m'ça bonita morreu, e os sinos, chorosos, doblaram a finados. Na rua, caminhantes passam commovidos, ouvindo-se aqui e além o funeral desolador... Misereere eterno e sentidissimo! Todas de preto, choram: o caixão vão cheio de flores e corôas. O velho padre soluça também: elle conhecia Dona Guilmar e a estimava muito... Mas ninguém, ninguém mesmo, extranha que Dona Guilmar, ao ir-se enterrar, toda de branco, não leve mais flores de laranjeira...

Pará—1895

RAUL DE AZEVEDO

LAGRIMAS

Lagrимas tristes, lagrimas doridas,
Podeis rolar desconsoladamente!
Vindes da ruina dolorosa e ardente
Das minhas torres do luar vestidas.

Orphãs tremontes, orphãs desvalidas,
Não tenho um soço carinhoso e quente.
—Frouxel do ninho, calix roscendente
Onde abrigar-vos, perola sentidas.

Vindes da noite, vindes da amargura,
Desabrochastes sobre a dura fragora
Do coração, ao sol da desventura!

Vindes do um selo, vindes de uma magoa
E não achastes uma urna pura
Para abrigar-vos, frias gotas d'agua!

92

(Dos *Dolentes*)

LIVIO BARRETO

ALBUM DE ESTUDOS

II

NO TREM

Evacou-se de prompto o salão de espera.

Ao entrar no carro, quasi nada distinguí a principio.

—Olla um lugar aqui! bradou-me uma voz amiga.

Sentei-me.

Fôra, ao longo do passeio de asphalto, a multidão fervilhava sussurrante, indo e vindo asafamada. Havia porém grupos quedos diante de portinholas, senhoras que vieram acompanhar amigas e que aproveitavam os ultimos momentos explorando ainda os inesgotaveis assumptos das confabulações femininas.

O chindo largo o perenne da machina, deixando escapar as demasias da

pressão, servia de fundo sonoro ás notas agudas que se ensavam no ar.

Retinui forte a sineta, entraram novos passageiros, a maquina ensinou um guineao. Um longo estremeço percorreu o trem de um extremo ao outro. Sob meus pés rangiam ríspidamente correntes que se destendiam.

Novo retinui da sineta, um grande berro da machina, e o trem começou a se arrastar sob a grande nave da gare ainda um tanto sombria aquella hora matinal.

O meu carro transpôz a arcada do portão, e a luz envolveu-o de subito, trechando-o vivamente por todas as aberturas.

O vizinho de defronte desdobrou seu jornal, e do lado então a cabeça pela portinhola, e eu puz-me a contemplar os companheiros de carro.

Tudo gente velha ou feita, á excepção de uma creança muito rosea e loura, a regimar saúde d'entre as roupinhas brancas enfeitadas de rendas finas e fitas de azul claro, e uma moçolla morena, de olhos rasgados e pestanudos, coitada de um chapéo de plumas crespas, na elegancia barata de seu gracioso vestido de cassa creme salpicada de roseco.

Da plataforma, olhando para dentro, um rapaz tentava debalde fignar-lhe o olhar que dodejava por tudo sem tirar cousa alguma.

Um velho de cara morena e rapada, tossia forte a passagem do ar matinal pela sua mucosa de astmatico.

Palestrava-se de banco a banco. Um fazendeiro dissertava sobre a safra do café. Uma velha contava os incidentes da molesta de uma filha.

E o trem rolava velozmente agora com uma forte trepidação de eixos gastos e o tá-tá-tá característico da subida das rampas.

Estava-se em pleno campo. Taboleiros de areia branca, povoados pobremente de montas rasteiras, zonas de barro vermelho e quasi esteril, capoeiras de sabias e marmelleiros virentes, grandes baixas de capim luxuriantes, tudo nos passava ao lado no movimento illusorio que lhe emprestava a marcha do trem.

Um longo silvo, attritos de ferros, casinhas a surgirem aqui e ali.

O comboio, diminuindo gradualmente de velocidade, parou afinal.

Risonho e luminoso aquelle logarejo na sua paz e frescura matinal. A entrada do trem com seu cortejo de estrepitos brutacos, tinha alguma coisa de insolita... Vozes claras de meninos apregoavam leite, café, tapioças... Trocavam-se saudações... Apeavam-se passageiros a carregar embrulhos, cestas e maletas...

Recomeçou-se a marcha. Ficara ali a moça morena. E o rapaz da plataforma veio sentar-se silencioso e triste no lugar que ella occupara, puxando d'ahi a pouco da carteira.

Empunhando o lapis escreveu qualquer coisa; levantou a cabeça, olhou vagamente para fóra, torceu o bigode, tornou a escrever...

E continuou n'estas manobras, enquanto eu dizia cá para mim:

—Não ha duvida, temos versos! Ella não quiz olhal-o, não lhe disse até logo, não se voltou ao descer—é

a mais que sufficiente para um nomeado que se possa aferrar-se soluçante aos braços da Poesia e polir-lhe expressões do desespero, lançando a que compare olhos ingratos e fusticadoras palavras em odo para rimar com-printo.

E disserem que a poesia toda se desapparecer! Não creiamtal, senhores criticos.

Este meu vizinho está perfeitamente convencido de que é um inimigo nem menos do que um desgraçado, e é d'estas convicções que nasce todo o luctuoso lyrismo rimado do eterno e immortal lyrisma.

Ja eu assim pensando, de olhos semicerrados, quando a um solavanco do carro endireitei-me e... e vejo a meu poeta a recommar placidamente do encontro á portinhola....

Tudo o resto da viagem foi para mim de tristes apprehensões sobre o futuro da Poesia.

—Julho 95.

A. S.

Quadro selvagem

Eis-nos, formosa, a caminhar sóinhos,
sob a cúpula verde da floresta;
nos velhos ramos desabrocham ninhos
e a alegria do azul se manifesta.

Aqui perto desliza, em curvas lentas
á sombra da folhagem fresca orguida,
o manso igarapé de aguas barrentas
ondo passáras, satisfeita, a vida.

Em torno d'estas arvores tranquilas
que a leve brisa, perpassando, agita
pairam do sol as tremulas seifillias
e enroscam-se a cheirosa parasita.

A parda jurity suspira ao longe,
na curvatura do caminho extremo.
Uma nuvem, no céu, parece um monge,
de um mystico no êxtase supremo.

Que perfume suave aqui se exhala!
Que limpida alegria, aqui se entorna!
A natureza inteira veste gala
n'uma serena paz lúcida e morna.

A baunilha rescende o doce aroma
e graciosa enroscam,
em volteios gentis, a verde coma
n'uns pobres troncos de existencia tosam.

De lépida cotia aqui perdura
o pouso assignalado.
mas se ergueres teus olhos do luz pura,
verás o arroio que s'arpeia ao lado.

Sobre cascatões limpidos, pequenos,
correm as aguas n'um murmúrio brando
e no seu dorso claro vão, serenos,
os nenuphars tímidos boiando.

Por entre estas bellezas deslumbrantes,
dá-me teu braço e vamos!
Como velhos amantes
das arvores roubar os verdos ramos
onde os ninhos se agitam tremulantes.

Vamos! a rir assim pelos caminhos
na plena paz da habitação modesta.
olha! nos ramos desabrocham ninhos
e a alegria do azul se manifesta!

Pará, Belem.

GUILLERME DE MIRANDA

Marmores

(Versos de Francisca Julia da Silva)

Ao fechar a derradeira pagina dos *Marmores*, sinto-me num estado d'alm. hem difficil de definir. Como si fosse arrebatado a um estranho paiz de feerias, onde, sob a do diffusao mil tozes, extasiasse o olhar na contemplação de magestosas estatuas, deusas obras-primas que arrancam dos que as olham não enuvas de palmas e flores, mas a munda admiração absorvente que se apossa dos espiritos deante do infinito e do bello...

Como são formosos os *Marmores*! E outro não podia ser realmente o titulo deste formoso livro, tão bem modelado e florentinamente cinzelado; livro que nos traz a suggestiva reminiscencia do ideal pagão da Grecia antiga e algo da esplendida alvorada da Renascença—mixto duma corte artistica de Pericles e dessa febre do bello que immortalizou a Italia no pontificado de S. Leão X.

Mas não é só sob o ponto de vista de vista esthetico que eu admiro a jovem poetisa dos *Marmores*; não; nos seus versos correctos, impeccaveis, como os do lapidario Heredia, ressambram, através da frieza classica, alguma cousa da psychose dos nossos dias...

Ser *puerile*, ás vezes, é cousa até bem triste, quando não se possa o buril do artista verdadeiro... Envolver a idéa na gasa tenuissima da estrophe; conceber um assumpto e saber dizê-lo—eis o grande segredo que, entre nós, aprenderam Bilac, Raymundo Corrêa, Alberto d'Oliveira, e cá no extremo norte Antonio Salles, Martins Junior e João de Deus do Negro.

Eu não sou idolatra da *forma*, não sou; porém que esta encerre uma idéa, e que nesta idéa se possa estudar uma individualidade, as cousas affectivas e sensacionais do cerebro que as enganhou ou produziu; dali talvez a minha prevenção com certos *parnasianos*, cujos trabalhos, tão acurados, lembram formosas oleographias sem vida; e que parecem repetir a todos os que os contem—nós somos simplesmente copistas...

Isto porém não succede com os versos da lapidaria dos *Marmores*, de que é um exemplo este magnifico soneto:

—NO BALCÃO—

Flora, dançadora... É um sarau de galas. Tudo reluz, tudo explandece e brilha: Riquíssima bordada de cacumilha Envolvem toda a sumptuosa sala.

Moços, moças levantam-se: a quadrilha Rompe: um suave perfume o ar trescala; E Flora, a um canto, encosta na mantilha, Espera que o marquez venha tirá-la...

Finda a quadrilha, rompe a valsa ingleza. E ella não quer dançar! Ella, a marquezinha Flora, a menina mais formosa e rica!

E elle não vem! Enquanto finda a valsa, Ella, triste, a umhar calça e descalça Ao finissimas luras de pellica!

Ha neste soneto a mais fiel observação...

que, e ao uma e outra seria capaz de architectar.

Ha no livro sonetos bellissimos—*Egypto*, *Argonautas*; e duas poesias magistraes.—*Prere*, e *De jorlhus*—que são dignas da assignatura de Paul Verlaine—o grandioso poeta do—*Annuaire*.

A auctora dos *Marmores*, *parnasiana* como se manifesta em todas as outras produções do seu livro, só nestas duas aborda o decadismo, como n'ello afirma João Ribeiro, —no esplendido prefacio.

Concordo com o projecto mestre, que, nenhum dos symbolistas, decadistas ou nephelibatados do Brazil, haja produzido melhores versos mysticos que aquellos dous.

Cruz e Souza e outros, ultimamente, ao Rio Janeiro, têm-se constituído os arautos do decadismo; mas em quasi todos esses moços —exceptuando H. Lopes, Alfonso Guimarães e Emilio de Menezes—reina a mais completa cegueira litteraria, e a mais bem acabada vocação artistica para... para copiar em servilidade os *tristes* de Portugal e de França.

Eis o motivo porque os *Marmores* devem ser recebidos com ovacões sinceras, com todas as considerações merecidas, porque todas as produções deste livro, patenteiam-se com muito sentimento artistico, e a psychologia toda de uma individualidade muito original e caracteristicamente superior—Francisca Julia da Silva—que todo o poezia proclama como a nossa melhor poetisa Ceará—Agosto—1895.

ANATOLIO GERVAIL.

Mãe e filho

Rosa, á tardinha sentada
Da casinha no batente,
Contempla saudosa a estrada
Com olhar triste, dolente.

A creatura adorada,
Ha tantos annos ausente,
Espera resignada,
Tão santa, tão paciente!

Ao lado brinca o filhinho,
Que depois em desalinho
Vem a ella em meio afã...

Pitando-a, chega jantinho
E lhe pergunta baixinho:
—Você tá triste, mãez?

JOSE CARVALHO.

Ceará—1895.

@ normalista

IV.

Maria do Carmo sentiu que estava grávida, mas não se amolhou muito com isso. Pensava pouco no Zuzi e já não o encontrava na Escola Normal, que frequentou até ser expulsa, como se lê a pag. 240:

«O director, um dia maltratou-a. Ao chegar viu desenhada na pedra

d'aula a gr. uma obscenidade. De súbito, furioso, disse muitos grosserias e raperigas e quiz saber quem era a autora de semelhante indecencia.»
«O Silencio profundo, ninguém se atrevia a responder.»

«—Tenham a bondade de dizer quem fez isto! repetiu o director, e, de relance viu na ultima fila, um dedo que apontava para Maria do Carmo.»
«—Ah! foi a senhora D. Maria do Carmo?»

«—Maria empallideceu.»
«—Eu não senhor!»
«—Tenha a bondade, faça favor de vir apagar isto.»

«—Mas não fui eu, senhor director, tornou ella erguendo-se.»
«—Embora, venha sempre: a senhora paga pelas outras.»

«—Não senhor, não posso responder por uma falta que não commetti.»
«—Não vem?»
«—Não senhor...»

«Toda a aula, voltada para Maria do Carmo, medindo-a de alto a baixo si como vissem n'ella uma transfiguração extraordinaria.»

«—Então a senhora não vem? repetiu o homem fazendo uma carranca medonha.»

«—Não senhor...»
«—Retire-se d'aula! fez elle apontando a porta. A senhora é uma insubordinada, desobedeceu a primeira autoridade d'este estabelecimento. Vamos, retire-se.»

Por este facto avalia-se o grau de degradação a que havia chegado a Escola Normal no livro do Sr. Caminha, e que passou sem um protesto do director, que todos nós sabemos, ainda vive e ainda é professor de pedagogia n'aquelle estabelecimento.

«Eram meninas os adolescentes as alumnas d'essa escola, mas que tinham tanta moralidade e costumes semelhantes aos dos garotos que pintam a carvão figuras obscenas nos muros dos sitios pouco frequentados. Mas descuradas do que esses vadios eram ellas que sustentavam a sua impudicia deixando publicamente o padão da immoralidade! No futuro que mães de familia, que preceptoras!»

Maria do Carmo soffria resignada em casa do padrinho os incommodos da gravidez.

João da Matta continuava na mesma vida de perdido, indo á repartição para fazer jus aos vencimentos e embriagando-se diariamente.

A amasia do amanuense não deixava o seu negocio de *rendas* para o Pará e continuava a dormir só na larga cama de jacaranda.

A gravidez de Maria não era, mais um segredo para D. Theresinha.

Os signaes da concepção augmentavam cada dia, e era preciso, para evitar escandalos, arranjar um sitio onde a normalista fosse ter creança.

João da Matta viu crescer o fructo de seu amor sem affeição nem piedade. A afflida desde a noite do desfloramento não tinha merecido d'elle um instante de compaixão... Entretanto, quando não estava hebeado, cogitava em levá-la para fóra, mais temeroso de algum escandalo da ama-

sia do que cioso da reputação de Maria.

O mestre Cosmo, um retirante que elle havia soccorrido como commissario da seccao, veio tirado d'esse embarço. Para a companhia d'elle levava a normalista.

A casa do mestre Cosmo era para as bandas da Aldeota cercada de um kilometro da cidade, dentro de largo cercado do pau a pique, entre brechas de matapasto e cumapós, diz o Sr. Caminha á pag. 262.

Uma brecha de matapasto e cumapós! Pobres sub-arbustos minúsculos, rufchitios e enfiados, vegetando miseravelmente no esteril areal da Aldeota tiveram também uma apothecose no livro do Sr. Caminha. E quando seus congéneres nos terrenos ricos de humus e de irrigação morrem no fim do inverno, são fraldas, semelhantes as fraldas das mangueiras da praça do Patrocínio, vivazes e perennes se elevam, se cruzam formando uma brecha, onde ha dez annos durava a casa do mestre Cosmo...

Foi a essa casinha, occulta a essa brecha, que João da Matta levou Maria em um domingo depois da missa de madrugada.

Cosmo era um pobre lenhador, que vivia da carguinha de lenha que furava nas matas do Cocó e levava a vender na capital em sua jumentada Coruja, uma jumentada fidalga que usava freio em vez do embreito que usam todas as outras. Era casado com uma mulher esteril, a Tin Jompina, uma velha que vendia cajás doces e só comia cangulos capelines pescados no alto mar.

João da Matta já se tinha apalavrado com Cosmo e para lhe captar mais a benevolencia derralhe uma moeda do nickel de duzentos réis, como nos diz o Sr. Caminha.

Muito bem recebidos foram do casal e amannuense a a adilhada.

Maria foi aboletada no melhor quarto da casa. A vida ali era outra, longe de D. Theocistina e de João da Matta.

«Sentia-se melhor respirando aquele ar, bebendo toda a selvagem frescura do campo, tudo o delicioso e ineffavel perfume que se levantava dos erosons e das arbas bravas.» lê-se á pag. 267.

Não foram somente os matapastos e cumapós que tiveram apothecoses no livro do Sr. Caminha.

Ignorante da sciencia de Linneu o Jussieu, descobrindo a botânica descriptiva, encontra nas areias da Fortaleza plantas do genero *Croton*, vegetando espontaneamente e de perfume tão subtil, quanto delicioso e ineffavel!

Não tenho conhecimento de vegetal algum d'aquelle genero com perfume delicioso e ineffavel! Todos, brasileiros ou exóticos tem cheiro mais ou menos desagradavel. Contudo quiz informar-me de ciso e fui ter á Aldeota.

Não encontrei plantas do genero *croton*, é verdade, mas da mesma familia, o pinhão de purga, *Jatropha curcas*, L.) e a mamoeira, *Ricinus communis*, L. Quem conhece essas plantas pode muito bem avaliar a descaída do Sr. Caminha, o seu erro de

observação, qualificando o cheiro d'ellas de delicioso e ineffavel!

Se o perfume da carrapateira é ineffavel, é delicioso, o que será o dos manacas?

O Sr. Caminha procure ler a Monographia das Euphorbeaceas de Ad. Jussieu e se convencerá de que esses vegetaes de que falla no seu livro fedem e não enchem.

A familia das Euphorbeaceas comprehende dos generos: *Euphorbia*, *Mercouria*, *Jatropha*, *Munthot*, *Ricinus* e *Croton*.

Todas essas generos aclimadas ou indigenas tem representantes na Gerua, menos o *Croton* da Aldeota. No seu vertico o Sr. Caminha havia de ter conhecido uma planta chamada *ellaine* e que o povo emprega no tratamento da syphilis, sobre tudo das ulceras rebeldes, pois bem, esse volume é o *Croton campetria*, (St-Hiel.) e que como os individuos do mesmo genero não primam pela suavidade do aroma.

Esses perfumes nores e desagradaveis a todo olphato são, agradeceram á ditatoria de Maria como subis essences, como o hircismo do padrinho. As matas da Aldeota, lúixas capoeiras de plantas rufchiticas, enchiam a alma da normalista de contentimento, mas do que se a sua vista se expandisse pelas florestas do sertão.

Pela manhã o mestre Cosmo, o pobre lenhador que vivia dos dez tostões por dia de sua carguinha de lenha, que tinha na sua enfreada jumentada, como se lê á pag. 263, saltava no quintal e mangia a mais medida vacca para Maria beber o mais gostoso leite.

E nem o Sr. Caminha se lembrou que a fortuna do mestre Cosmo era tão parca, e sua condicão tão ruiz, que o amannuense para lhe captar a benevolencia derralhe a somma de duzentos réis, e que mais adiante o autor da *Normalista* precisaria que o lenhador tivesse vaccas para dar leite á sua heroína!

À noite, quando nas casinhas da vizinhança soluçava a viola, a legendaria viola cearense, Maria do Carmo ouvia mestre Cosmo que do seu violão tirava neorales tão maviosos que faziam seismar cortada de saudades de um paiz remoto e abençoado! Nunca mãos de seraphim tiveram de mais afinada lyra melódica mais sensis do que os dedos callosos do lenhador.

A normalista passava uma vida regalada: ar puro, bom leite, perfumes de salva brava, pinhão de purga e carrapateira, paesagens luxuriantes das dunas, cangulos do alto mar, e á noite, por cumulo de felicidade terrena, occasoes do violão do mestre Cosmo a despertar-lhe a alma sonolenta de um paiz abençoado!

A sua falta lembrada agora, pelos movimentos do feto numa vez por outra, em nada a inquietava. Havia de nacer o filho quando fosse tempo, dizia com seus botões com o desbragamento de uma criminosa proveyta.

RODOLPHO THEOPHILLO.

O PASSADO

(A MEUS PAIS)

O Passado! eis o Campo-Santo sonda Nosso espirito vao, de vez em quando. Beljar a cinza fria em que se esconde A illusão que nos vai abandonando:

Aquillo que fugio, que não responde Ao nosso appello anelado e miserando: Toda a lembrança que a distancia esconde E que nos deixa o coração chorando...

Sonho... miragem... paraíso inculto... Templo do nosso religioso culto... Archa de Noé da ultima illusão...

Ama-te o velho, adora-te a creança. Pois és o bom que nunca mais se alcança E's a imagem mais fiel do Coração! 1894.

LOPES FILHO.

(Das—Procellas).

Bibliographia

Revista da Faculdade livre de direito do Estado de Minas, A. 1. n. 2.

No principio deste anno accusavamos com satisfação o primeiro numero desta excellente revista e já nos fazia entristecer a demora das seguintes. Dissiparam-se porem os nossos receios.

Acabamos de receber o 2º, numero que não ficou aquém do 1º. Está cheio de bons artigos escriptos em geral com proficiencia e elegancia que dá uma boa idea da maneira porque já em nosso paiz se cultivam as sciencias jurídicas.

O Dr. Gonçalves Chaves discute a questão da intervenção da União nos negocios dos Estados e, depois de combater vantajosamente a opinião dos que, levados de um excessivo zelo pela autonomia dos Estados, querem restringir a porem e especialissimos casos essa intervenção, examina a qual das poderes publicos ella compete concluindo que essa attribuição não compete ao poder legislativo e é no corpo legislativo que deve incumbir a iniciativa da intervenção, embora da sua execução seja encarregado o poder executivo.

Esta doutrina perfeitamente demorada fica agora exposta e desenvolvida com proficiencia e em estilo claro e elegante.

O Dr. Affonso Penna contribue para este numero com um trabalho juridico sobre a transcripção, pariente e erudito, cuja leitura será grandemente proveitosa aos homens do foro, advogados e juizes.

O Dr. Thomas Brandão publica o tres primeiros capitulos do seu trabalho sobre o casamento civil.

A these constitucional da competencia do Presidente do Senado para a promulgação dos actos do Congresso é criteriosamente discutida pelo Dr. Theophilo Ribeiro.

O Dr. Raymundo Corrêa prossegue no seu erudito estudo sobre antiguidades romanas, escripto com aquella delicada penna que bem comprehende e tanto apreciamos.

Além de outros artigos de não peque-

no merecimento, publica este numero a Memoria historica da Faculdade pela qual se vê que a illustre instituição tem já atingido a um grão de prosperidade invejavel e permite fundar as mais auspiciosas esperanças sobre o seu futuro.

B. J.

A...

Ohas-me? Ten olhar, nesse momento,
Entre os olhos todos das mais bellas.
Não tem rival: compara-se ás estrellas
Scintillando no azul do firmamento.

Sorris? faz-me mais bem o teu sorriso
Tão seductor (e és tão formosa assim!)
Mais bem do que si eu visse para mim
Inteiramente aberto o paraíso.

Falas? tua voz harmoniosa e pura
É mais sonora que o trinar de uma ave:
Entra-me n'alma languida e suave,
Suave e branda e cheia de doçura...

ANTONIO DE CASTRO.

Ceará - 1895.

Padaria Espiritual

Quem conhece as difficuldades com que ainda se luta n'este paiz para dar a publicidade um livro, pôde avaliar quanto é audacioso o commettimento, que se propoz a *Padaria Espiritual*, de editar tantas obras em tão curto espaço de tempo.

Accresce, que taes difficuldades sobem de ponto e muito fora da Capital Federal, porque o Brazil republicano, posto que administrativa e economicamente descentralisado, ainda nao se descentralisou intellectualmente, nem conseguirá essa descentralisação tao cedo.

Pensa-se, sente-se, respira o espirito nacional, enfim, unicamente pelos órgãos, que ainda tem para essas funções na antiga corte: ali reside o *sensoryum* e o *cerebro commun*; d'ahi divergem para os diferentes Estados todos os fluidos luminosos da incitação glorificante; para ahi convergem dos diferentes Estados, como para um mesmo foco, todos os raios refractos da gloria anhelada. Taes Estados, a semelhante respeito, não passam de pobres e desproveyas provincias, sem autonomia, sem independencia, sem vida propria: o meio social é nelles o mais deprimente possível para as letras e para as artes, que ahi não encontram incentivos de especie alguma; o jornalismo é uma prolixação ingrata e desenhada pela *gente seria*, cujos proventos, alem de minguado, tem um ligeiro ar de ganhos illicitos, desse que apenas tolera a negligencia indigena: bellas vocações, que desabrocham promettedoras, estiolam e morrem logo: a cabeça acima do nivel geral, bem pôde escapar a que l'h'a cõrtem, mas não escapará pelo menos a um certo descredito official. Se ha excepções a essa regra, no restricto numero dellas não se conta infelizmente ainda o Estado do Ceará, vi-veiro de genios, entretanto, herço afor-

tuado dos Alencar, dos Araripe e das Pompeu. Seus grandes filhas—altaneiras aguias—tiveram de desferir o vôo e fazer-se ao largo da terra natal: fora de lá é que adquiriram reputação.

E o que tem succedido a Araripe Junior, a Capistrano de Abreu, a Clóvis Bevilacqua, a Moura Brazil, a Alvaro de Oliveira, a R. Lopes e a tantos outros para os quaes o horizonte de seus verdes mares bravios é por demais estreito. Rocha Lima tao prematuramente roubado, ás letras patrias, seria hoje um nome quasi inteiramente desconhecido, se um distincto e piedoso amigo não houvesse levado a effeito a idéa de reunir-lhe os escriptos em volume para divulgá-los por fora largamente, e a mocidade estudiosa das academias do Recife e de S. Paulo foi que lhe soube fazer condigna apothese. E isto só, para não fallar senão do Ceará, porque em quasi todos os outros Estados da Uniao as condições do ambiente artistico e litterario não são mais propicias do que alli a vitalidade e a livre expansão das vocações d'essa ordem.

No Maranhão, por exemplo, mal teriam vegetado, obscuros e molinos, Joaquim Serra e Theophilo Dias, de saudosas memorias. Coelho Netto, Arthur e Alizio Azevedo, se si não tivessem feito á vela para longe, sendo que este sahio quasi apedrejado como Santo Estevão, por causa do *Mulato* celebre romance realista com que o auctor foi bulir, como em casa de na ribondos, n'uma toca de padres e beatas, provocando uma sarabanda descomposta e macabra de lobas e manilhas.

Ora, confessemos que editar livros na provincia, e mormente livros de litteratura, que não têm cotação no mercado local, é o que se pôde chamar verdadeiramente uma empresa de loucos. Par parte dos moços da *Padaria Espiritual*, que se zbalançam a tanto, é preciso ao certo essa ra a coragem, que só uma forte fé terá capaz de sustentar, um nobre desinteresse e ao mesmo tempo uma grande confiança no futuro, que só o coraçoão da propria mocidade será capaz de nutrir. O caso é que a *Padaria Espiritual* já começou a desempenhar a promessa feita, publicando as *Trocas do Norte*, cento e cinquenta e tantas paginas de esplendidos versos de Antonio Salles; e, como todo o prometido é devido, os outros livros annunciados não se farão esperar muito.

(Continua)

RAYMUNDO CORRÊA

Imprensa Litteraria

A JANDARA, n.º 1.—Sob a direcção do Sr. Joaquim C. Fontenelle e redacção dos Srs. Joaquim Carneiro, Otávio Mendes e Gervasio Nogueira acaba de apparecer nesta capital esta sympathica revista da classe estudantil. O primeiro n.º que recebemos está variado e interessante, o que muito faz esperar no futuro dos dignos estu-

dantes que de hoje se mostram tão encorajados na fulgurante mas espinhosa vida jornalística.

Agradecendo a visita da distincta collega auguramos-lhe um longo e fructuoso da imprensa.

—REVISTA BRAZILEIRA fasciculo 13. Mas um bom numero da importante publicação fluminense dirigida por José Verissimo temos sobre a banca do trabalho. O seu sumario compõe um riquissimo escripto de vibrante prosa e inspiradas poetas ineditas do notavel poeta mineiro Claudio Manoel da Costa. A *Arte e a critica*, artigo de C. Parlagreco é um criterioso e bem lançado estudo digno da maior attenção.

—DOS QUEIXOS, n.º 21.—Dia a dia vai o Angelo Agostini conquistando os mais merecidos applausos com o successo extraordinario alcançado por cada numero do seu esplendido jornal. O presente n.º é mais um eloquente attestado da victoria que o lapis do Agostini alcançou entre os artistas brasileiros. O supplemento que acompanha esse n.º traz o retrato do inelyto Marechal Floriano Peixoto—um trabalho perfeitissimo e de uma nitidez primorosa. Da mesma força são as criticas onde o fino espirito do insigne artista farsca por todas as quattros paginas de caricaturas. O texto como sempre variado e bom.

—REVISTA ILUSTRADA, ns. 689 e 690. —O Pereira Netto é, incontestavelmente, um nobre discipulo do Angelo Agostini e um digno successor do grande mestre nas caricaturas da *Revista Illustrada*. Que o digam os ns. que temos presentes.

O primeiro se occupa quasi que exclusivamente da morte do Marechal Floriano, estampando na pagina do centro um primoroso retrato do grande morto, a quem a *Revista* renderá a mais justa homenagem, e o segundo occupa-se de varios assumptos de critica e traz na primeira pagina o retrato de D. Josina Peixoto, viuva do inelyto Marechal. E' esplendido o quadro representando o Sr. Prudente de Moraes indeciso ante a pacificação do sul.

Não são menos felizes as criticas feitas á subida do cambio nas conferencias dos Generaes Galvão e Silva Tavares. Quanto ao texto damos uma amostra aqui ao leitor transcrevendo este humoristico soneto de Raimundo Corrêa:

MONA FIDALGA

O Barão, ante a fatta pausa obesa,
Digerindo o recente e lauto almoço,
Fita os copos enxutos e o destroço
Dos acepipes bons, postos á mesa;

Os dentes palitando, a Baroneza
Limpa o suor da face e do pescoço;
Macha a toalha, e n'frente d'ella um
[grosso]

Pingo amarello de manteiga ingleza...

Pousam sobre a farinha os pães, as
[rosas]

E o assucareiro destampado, as mos-
[cas...]

Queda á esquerda a creada muda e
[bronca]

Dá dez horas o *cuco*: o sol abafa...

E do mal de Noé torcidos, silba
Ronca o Barão e a Baroneza ronca.

—A **RENAIXANCE**, n. 32.—Esta sympathica e bem dirigida revista bahiana continua sempre em progresso e cada n. que apparece é mais uma victoria dos seus dignos redactores. Cada vez mais interessante e bem feita.

—A **ILLUSTRAÇÃO**, ns. 9 e 10.—Bem atrahente vem-se tornando esta publicação pernambucana sob a direcção Sr. Augusto Aristheu. Os dous ns. presentes trazem retratos do dr. Aldeias Marrocos e José de Vasconcellos antigo fundador do *Jornal do Recife*, ha pouco fallecido.

O texto é bem feito e variado.

—A **M. DRUGADA**, anno 2 e serie II. Acusamos o recebimento de 2 numeros desta publicação portugueza sob a direcção do Sr. Oscar Leal, correspondentes aos mezes de Maio e Julho.

Bem impressa e variada, traz bons desenhos de Pastor e collaboração de escriptores portuguezes e brazileiros.

—A **VERDADE**, n. 5.—Temos presente mais um n. da *Verdade* que se publica na Capital Federal sob a direcção do Sr. Aleixo Costa.

Enfeixa, além do outras produções, um bom soneto de G. Nicoll e uma magnifica chronica de *Jés*.

—O **ALPHA**, n. 6.—Sempre variado e interessante o jornalzinho dos estudantes de preparatorios do Rio.

—O **CENACULO**, fasciculo 3.—Uma excellente publicação esta que acaba de surgir em Curitiba, capital do Paraná.

O n. que temos á vista traz o retrato do Dr. Justiniano de Mello, bons artigos e bonitos versos, de entre os quaes destacamos e primoroso soneto *Mãe*, de Leoncio Correia.

—**SIRIS**, n. 6 e 7.—Bem escriptos estes dois numeros da novel revista bahiana, organo do *Grémio Evolução*.

—**MECENAS**, n. 7 Um magnifico sumario traz este n. da bella revista rio grandense. São dignos de menção os primorosos versos *Expolio de um bohemio*, de Caldas Junior e *Vernal*, de Sergio de Oliveira, além de bons trechos de Elzeu Montarroyos e outros muitos. É pena que o distincto collega não seja impressa em melhor papel.

—**REVISTA CONTEMPORANEA**, n. 12. Boa prosa e bons versos nos offerece este n. desta revista pernambucana. Clovis Bevilacqua continua com o seu bello estudo sobre o *Fim do seculo* e Demosthenes de Olinda publica um bonito soneto.

—**IRACEMA**, n. 4. Como os ns. anteriores, esta revista do Centro Literario está variada e interessante.

—A **EPOCHA**, ns. 2 e 3.—O primeiro numero desta sympathica collega paranaense traz a primeira pagina lavjada de luto em homenagem ao illustre Marechal Floriano e insere bem lincados artigos scientificos e litterarios devidos a penna de Th. Ribas e outros. O segundo, com um bom sumario, em nada é inferior ao primeiro.

A todos os collegas *O Pão* agradece a fineza da visita.

S. B.

CARTEIRA

DR. JOSÉ LINO

Este nosso estimavel amigo, quo nos seus creditos de clinico concenauado reúne os de talentoso jornalista acaba de abandonar as lides da imprensa, eliminando-se da redacção do *Diario do Ceará*.

É um primor de estylo a sua carta de despedida; mas preferiamos quo elle não a houvesse escripto e continuasse a prestarão *Diario* o concurso, da sua delicada e criteriosa penna.

Como, porem, a cousa é sem remedio, limitamo-nos a envia-lhe o nosso adons e continuamos a nossa jornada por esta via-dolorosa da imprensa.

WALDEMIRO CAVALCANTI

Como uma compensação á noticia snpra, temos que registrar a entrada do Waldemiro para redacção do *Jornal da Tarde*.

Os laços da intima camaradagem que nos prendem ao Waldemiro quasi que nos tornam suspeitos para falarmos da sua individualidade jornalística; mas sempre diremos que a sua entrada para o *Jornal da Tarde* significa um notavel augmento de sympathia e popularidade para esta folha.

Muito moço ainda, é contudo o Waldemiro um nome feito na imprensa para a qual o impelle uma destas vocações que são o traço profundo e iniludível de um temperamento nascido fatalmente para as luctas da palavra e das idéas.

Abraçando jubilosamente ao novo redactor do *Jornal da Tarde* com a prévia certeza de a sua posição será uma colheita optima de brilhantes triumphos.

Os parabens que dirigimos ao Waldemiro são extensivos ao nosso infatigavel camarada Sabino Baptista, que na qualidade de gerente do *Jornal da Tarde* vai paestar a esta folha os valiosos serviços da sua extraordinaria actividade, a que deve *O Pão* a maior parte dos seus successos.

« VAGAS »

Sabino Baptista trabalha activamente no seu novo livro de versos que terá o titulo acima.

A *Symphonia de abertura*, que hoje publicamos, reúne em bella synthese os sentimentos predominantes do livro cujas paginas são outras tantas vagas deste mar da Vida, ora revoltas, bonançosas ás vezes.

FALLECIMENTO

A torturantes padecimentos succumbio ha dias nesta capital o distincto cavalheiro José Cavacante Goyna, emhado do nosso presado confrade Francisco Valle, ao qual apresentamos nossas condolências.

D. ENRIQUE MOYA

Dous bons espectáculo realizou no theatro S. Luiz este distincto illusionista.

Os seus trabalhos são em geral d:

uma perfeição que nada deixa a desejar, revelando grande vocação e longa pratica.

Justos applausos e boza enchentes tem o publico proporcionado ao Sr. Moya, ao qual felicitamos.

RODOLPHO THEOPHILO

Regressou ha dias do seu paradisíaco Alto da Bonança este nosso prosadissimo consocio.

Instalado no seu risonho castollete da estrada do Bemfica, tem elle recebido as visitas dos seus amigos que andavam bem saudosos da sua convivencia tão prodiga de captivantes finessas.

Logo depois do sua chegada entregou Rodolpho Theophilo aos Srs. Cunha Ferro & Ca. os originaes do seu romance—*Os Brilhantes*, do qual já reviu as primeiras provas.

MAIR DOUR

Devido ás contingencias da lucta pela vida, viu-se a nossa associação sensivelmente desfalcada de obreiros durante um certo espaço de tempo, por terem-se ausentado da capital muitos delles.

Felizmente está se operando um movimento em sentido contrario. Agora mesmo acabam de chegar de Quixeramobim o Paulo Giordano e o Lopo de Mendoza as duas creaturas mais dessemelhantes que se pode imaginar.

O primeiro é medio, sahguineo, herculeo e pesa 85 kilos; o segundo é chocho, pequenino pallido, e pesa 40 kilos.

Como porem a nossa affecção não se compadece com a desproporção de materi-l que ha entre elles, ringimos a ambos no mesmo abraço de boza vinda, ao seio do nosso grêmio.

AS NOSSAS SESSÕES

Dous sessões realizou a Padaria nesta quinzena—a primeira em casa de Antonio Salles e a segunda em casa de Rodolpho Theophilo.

Leram-se numerosos trabalhos em prosa e verso e cartas de litteratos de diversos Estados.

Foram exhibidos os autographos de dous livros de versos—*Procellas* de Lopes Filho, e *Télexias* de Rodolpho Theophilo.

Ambos os amphetridões foram admiraveis de amabilidade para com seus convivas, dos quaes fazia parte, na ultima festa, o distincto illusionista e fino cavalheiro D. Enrique Moya, que entre applausos executou bonitas sortes.

UM MIMO

O nosso jovem conterraneo Theotônio de Oliveira, residente na Capital Federal, acaba de mimosear-nos com a offerta de: um supplemento illustrado do *O Contemporaneo* contendo magnificos retratos dos principaes membros do partido republicano federal, um exemplar do eloquentissimo discurso de Paulo Ney sobre a morte do marechal Floriano Peixoto, e uma formosa e inspirada poesia de Azevedo Cruz sobre o mesmo assumpto.

Somos muito gratos ao delicado brinde.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará aprovados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difíceis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebacoes do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatisino, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GÓTIAS ANTI ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BLENORRAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80 — Rua do Major Facundo 80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTA ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. Relogios de ouro, de prata e nickel, para algebeira, inglezes, americanos, suissos etc. etc. Relogios para paredes e banca, despertadores de todos os preços. Lanterna superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C^{ia}

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europêa tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54,

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europêa produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52 — Rua do Major Facundo — 52

Typ. — STUART — Rua Formosa n. 16.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Setembro de 1895.

NUM. 23

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 28000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

o) Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMMARY: Os quinze dias, Moacyr Juro-
ma; —No campo, Sabino Baptista.—
Os canhões amarelos, Bruno Jacy; —
Mal intimo; —Livio Barreto; —Al-
bum do Estudor, A. S.; —Pela vida,
Lopes Filho; —O Jurity, José Car-
valho; —De lucto, Manoel Lobato; —
A Normalista, Rodolpho Theophilo; —
Concordancia grammatical, Padre Cor-
reia de Almeida; —Alberto Nepomuce-
no, B.; —Tartarin de Tarascon, Raul
do Azevedo; —A Borda Antonio de
Castro; —Imprensa Litteraria; —
Carteira.

Os quinze dias

Uma quinzena cheia como um campo
segrado.

Mas não cheia de ventos, cheia de fa-
ctos e de factos importantes.

Avulta em primeiro plano a pacificação
do Rio Grande, tarefa levada a cabo entre
a geral descrença e a geral esperança.

Quer os apologistas do Castilho, quer os
de Silva Tavares desejavam a guerra; mas
de um e outro lado havia o risco de que
ella se fizesse de modo desastroso para o
partido de sua sympathia.

Mas a pacificação fez-se e praza a Deus
que esteja bem feita.

Esqueceu-se uma grande suspiro de alivio
do peito da Nação, d'esse peito, que se
exhausta vertendo ouro e sangue para a
sustentação da lucta fratricida.

Nenhuma das estrellas, que constellam
haver-verde pendão, apresenta actualmen-
te os tons sanguineos que dava um tão
doloroso realce a terra do Osório e Bento
Gonçalves.

Morte já não rebella sangrento nas
bustes do Cruzeiro, o que era, além do
mais, uma anomalia astronomica.

Que a verde ressona das searas fo-
cundas encubra depressa as ossadas, que
bramquejam tristemente nas savannas cu-
randenses!

Que se fundam os sabres destruidores
o deites ou fabriquem instrumentos de
trabalho!

Dizem que a arvore da Liberdade pre-
cisava ser regada com sangue; mas sangue
de mais, como agua de mais embroja a
terra e mata afinal a arvore.

A vermelha ablação lagral do Rio
Grande foi domada e o quasi que o la
matando por asphyxia.

Aquelle trecho do brasileiro terra não
podia continuar a ser uma especie de cir-
co romano em que irmãos se trucidavam
para delite dos nossos inimigos de toda
a especie, rebaixamento do nosso credito
e negação dos nossos fóros de povo ci-
vilizado.

A nossa Republica já está em tempo de
ir começando a ter juizo, depurando-se do
virus revolucionario de que estão irre-
mediavelmente contaminadas as Republi-
cas americanas, á excepção da patria do
Washington.

Estamos cercando por todos os lados
de olhares cubicosos e perversos a esprei-
tarem com satisfação os nossos erros.

Para contemplar melhor o espectáculo
John Bell se absteve na Trindade e do lá
n se assenta o seu oculo, a ver qual o qui-
bão, que mais lhe conviria no caso pos-
sível de uma partilha...

Já disse um viajante estrangeiro que
no Brasil tudo é grande—excepto o ho-
mem.

Não negamos nem affirmamos a veri-
dade da asserção; mas a verdade é que
um povo desunido nunca podera ser forte
nem grande.

Até hoje o lema de nossa bandeira
não tem passado de uma heresia ironica
com a qual nos procuram envergonhar os
saudosos do antigo regimen.

Para o povo em geral a Republica tem
sido um Abailão, que se promette tornar
mais pesado o pesado jugo do seu ante-
cessor.

E como a Republica é mulher e tem ca-
bellos grandes, bem pode acontecer que
n'este andar se veja um dia presa por
elles a quem quer galho... sebastianista.

Basta de brigas, com a brevia! Estamos
os campos do Paraguay, a bahia de Gua-
nabara e os banhados e manguezais do Rio
Grande para provarom que somos va-
lentes como quem mais for.

A occasião é a mais azada para comen-
çar vida nova.

Si d'esta vez ainda não entrarmos em
vias normaes de existencia politica; si não
conseqüarmos desde já os trabalhos de re-
construção, neste caso estrangeiro nos

venderá em leilão para pagarmos o que
lhe devemos

Para amenisar os afchronics, que está
cheirando soffocadamente a artigo de fun-
do, tráfego de uma curiosa revolução, que
se dou entre nós o de sua consequente
pacificação.

Não é de uma questão intestinal que se
tracta, mas de uma questão... intestinal.

E' o caso de certa senhora que de-
pois de haver ingerido algumas pilulas
anti-helminticas, começou a expelir co-
bras e lagartos por diversas valvulas da
sua machina anatomica.

Um alvoroço dos diabos em todos os
espiritos e em quasi todos os ventres.

Os obesos, sobretudo, embrieteram
mortalmente na suspeita de que a dilata-
ção dos seus abdomens não era devida
ao desenvolvimento dos tecidos adiposos
—mas á presença de anuros e moluscos
iguais nos que havia expellido a senhora
em questão.

A pharmacia do José Eloy, fabricante
das afamadas pilulas, era da manhã até a
noite visitada por uma proleção de curio-
sos que iam contemplar com assombro os
bicharocos expostos em frascos de espiri-
to de vinho, e de lá todos voltavam es-
tardaceados de espanto e fazendo os mais dis-
paratados commentarios.

Os medicos nada escazeavam e accei-
tavam o facto como toda a gente.

Os supersticiosos é que destoavam da
credulidade geral acreditando que, em vez
de um phenomeno physiologico, tratava-
se nem mais nem menos do que de um
caso de feitiçaria.

Em embuste é que ninguem ou quasi
ninguem acreditava.

E o n'vôroço creencia, refervia, invadia
tudo n'uma enchente e de escupelacção e de
revolta.

Quem dizia que o nosso pobre corpo,
além dos parasitas que lhe são peo-
rões, podesse também se transformar
em charco onde sapas espedinhassera a
quem sabe?... cantassem a romanza do
sanguinário e o ducto do fôto não foi!

E oha gente a perder o somno, entre-
meçando á menor evanção de gazes,
suando frio ao mais insignifican e rumor
interno.

Mas tout est bien qui finit bien, e toda
a gente está convencida que n'os não
passou de um pandego embus e qui teve
a virtude de desviar a attenção publica
do que vai por esta terra, que a travessa,
não uma idade de ouro, como se affirmo
algures, mas sim a idade de...cartões
da Camara.

MARCO JUREMA.

NO CAMPO

I

II ANANÍAS

No oriente em fogo se redimiu,
— em uma explosão de luz branda e sadia,
como um recém-nascido resurgiu:
das pardacentas brumas do levante.

O creme da alvorada purpureante
as rubras eiras marinhas perdia,
e o despojar magnetico do dia
em tudo punha um riso triumphante:

Nadava em claridade o firmamento,
e me invadia o tepido aposento
uma alegria immensa, incomparada:

enquanto um bando de aves praseiteiras
iam em côro, garrulas, faguetas,
saudando a Natureza despertada!...

II

O MEIO DIA

Com se arqueia e o sol intenso, ardente
da fulva luz estende o pallio aberto
sobre a opulencia espessa e relutante
da tranquilla paisagem do deserto.

Como uma queixa entrecortada, perto
murmura a triste voz de uma corrente
enchendo o espaço de um pozar incerto,
de uma tristeza mystica e dolente!...

Ruminam boiças sombras bonanças,
das seculares arvores frondosas,
sob a espessura albero das folhagens,

o alem, se a gente alonga o olhar cansado
uma vastidão do campo illimitado
sente na vista tremelas miragens...

III

O CAIR DA NOITE

Que la-se a alegre voz da passarada
e em tudo a fria solidão persiste,
enquanto a noite, livida e pesada,
desce sombria, tenebrosa e triste.

A alma, que as fundas sensações resiste,
sent-se agora tremula, agitada,
e entre os grilhões da nostalgia assiste
aquella boia toira e magada...

Atacada treva plácida se espalma
pelo infinito: a religiosa calma
tembra mysterios de medlovas cellas...

Morre, se extingue a tarde languorosa
e a luz surge, — pallida e formosa, —
com o seu raiado mystico de estrellas...

(Do livro — Vagões)

(Pará — 8 — 95)

SABINO BAPTISTA

Os canhões amarelos

(Episodio quasi historico)

Tem a Historia singulares e injustas omissões.

Dependo do tão pouco — do capricho de um chronista ou do acaso — passar à posteridade ou ficar no esquecimento!...

Foi a ultima dessas duas alternâncias a que sahiu por sorte aos *canhões amarelos* o bom sei que não está nas minhas forças, tiral-os do olvido. Já se acham escriptas na chronica do tempo em que elles viveram e floresceram, e duvido muito que futuros historiadores, quando vierem respigar nos annos da nossa patria, se lembrem de consultar a collecção d' *O Pão*.

Aqui fica no entanto o meu protesto contra a injusta preterição que os *canhões amarelos* soffreram dos caronistas.

E si a presente narrativa se chama de *quasi historica*, não é por lhe faltar a veracidade, que essa é absoluta e plena, mas somente por ter escapado aos narradores na confecção dos patrios annos.

Quando em fins de 1859, o Senhor Dom Pedro Segundo se dignou visitar as provincias do Norte do seu vasto imperio, foi enorme a agitação e agouamento da população das terras ameaçadas pela imperial visita.

Não houve burguez por mais fleugmatico e pacato que não gastasse bons cobres em comprar fatiola nova para si, para a mulher e para os filhos, e até mobilia para a sala, copos, calices e talheres, como si cada cidadão esperasse visita particular do imperante ao seu domicilio.

Todos os sirgiteiros e alfaiates dessa época enriqueceram da noite para o dia, tumentando copia de fardas e fardões, de barretinas e pennachos adquiriu a guarda nacional, de alferes para cima. Suas magestades não vieram ao extremo norte do imperio: chegaram somente à provincia da Parahyba, que já lhes pareceu provavelmente para-gem assaz longinqua para termo da imperial excursão.

E foi precisamente na Parahyba que enão appareceram os *canhões amarelos*, cuja historia vou contar conforme as indicações de um manuscrito authentico, existente em meu poder, e do proprio punho de um delles.

Na provincia não havia cavallaria de linha, e um unico esquadrao da guarda nacional tinha parada em remota cidade do sertão, si é que a não tinha somente nos relatorios do ministro da justiça.

Nessas condições, annunciada a visita de SS. MM. cogitou-se de organizar um esquadrao de voluntarios que desse piquete para acompanhar as augustas personagens em suas excursões pela provincia.

Com essa boa vontade, que caracterisa o povo brasileiro, promptamente offereceram alguns rapazes do commercio, todos officinaes da guarda nacional, e organisou-se na capital o esquadrao.

O uniforme desse corpo foi boné encarnado a cavaigne, e farda verde com golla e canhões amarelos, que lhes valeu a denominação porque foram conhecidos e com a qual (talvez por muito comprida) não passaram para a Historia.

Eram 30 e commandava-os o Dr. Antonio de Sousa Carvalho.

Conheci ainda o Dr. Carvalho, tempos depois: já sem a farda verde nem o boné encarnado mas com uma obe-

sidado muito pouco marcial para commandante de um corpo de cavallaria ligeira.

Um mez antes da imperial visita já os *canhões amarelos* faziam exercicio todas as tardes no largo de S. Francisco, e era digno de ver-se o entusiasmo e elegancia do garbado esquadrao. Tinha-se feito insinuar no animo da brilhante rapazada que todos os cavalleiros do esquadrao de honra seriam por S. M. agraciados com o habito da Rosa e a bocea pequena se dizia que a perspectiva da condecoração não era o menor dos emulos ao ardor patriotico e monarchistico.

Um pelo menos não fazia mysterio disso: era o Galvão, excellente rapaz, de boa familia e um tanto simplorio. Pensava sempre na futura commenda e fallava muito nella, provocando gracejos dos companheiros, que tambem pensavam muito, mas não fallavam tanto.

O Galvão era noivo: ia ser genro de um velho militar já reformado e muito condecorado, o que ainda mais lhe acorogava aquella innocente ambição.

A 21 de dezembro de 1859 desembacavam do transporte *Apa* os imperantes e debaixo do pallio subiram apê e em os ministros e mais comitiva as ingremes ladeiras que separam a cidade alta do Varadouro.

Não quero consignar aqui a primeira pergunta que suas Magestades fizeram ao chegar ao palacio do governo.

Todos sabem que as proprias Magestades, por mais ungidas e bensuntadas que sejam de santos oleos, e da graça de Deus são sujeitas ás mesmas necessidades materiaes que um simples burguez ou villão.

Consigno apenas que em 1859 passou desapercibido o Natal na Parahyba. As missas do gallo tiveram pouquissimos ouvintes e os bonecos e biggungas, astros de papel dourado, os anginhos, a mangedoura, os reis magos, a vacca, o burro, o gallo e os judeus não sahiram do fundo das pesadas arcas de madeira para povoar as lupinhas.

De outras coisas cuidava a esse tempo o leal povo da antiga Philippen.

No dia 25 foram os *canhões amarelos* pelo respectivo commandante apresentados ao imperador que os recebeu prazenteiro declarando logo que na madrugada seguinte partiria para o interior e contava com elles.

Efectivamente ás quatro e meia partiu a imperial comitiva, precedida por dois batedores, tirado do esquadrao de honra, e intermeada por dez praças montadas do corpo de policia, munidas de archotes.

Montando excellentes cavalllos, o imperador e seu sequito marchavam sempre a galope de sorte que ao amanhecer já duas boas leguas tinham sido vencidas: as magras alimarias por fim do corpo de policia não eram talladas nem edacadas para aquellas grandes velocidades e acontecer por isso que todos, uma a uma, foram ficando pelo caminho e os pobres soldados que as montavam viviam de cavalleiros cavalgaduras e tinham de voltar para o quartel carregando, além

do armamento, a sella, os arreios, o malote, os coldres e o archote apagado.

Com a manha, S. M. começou a interessar-se pela vegetação e muitas vezes detinha a montaria para colher uma florinha agreste, miúda e curiosamente e, voltando-se nós da comitiva, perguntar-me o nome, guardando-a depois no bolso.

Despertaram-lhe particular interesse as flores do massambê e do fedegoso.

No engenho S. João, dignou-se tomar café e montar novo cavallo, tendo offerecido pelo barto de Maraú, dono do engenho. A comitiva continuou em jejum, pois quando lhe era servido o café a sua magestade seguia estrada fora a bom galopar.

Entre os *canhões amarelllos* houve quem resumisse. O Galvão apenas disse:—Contanto que vadia a commenda...

Comer S.M. alguma coisa no engenho Maraú, propriedade do Mosteiro de S. Bento, onde não se esperava tão cedo a imperial comitiva, o que deu lugar a ser o monarca recebido por um fiado de camisola azul, ainda estremunhado de sono, desfazendo-se em desculpas.

Grande foi a surpresa na villa do Pilar, onde chegaram muito mais cedo que eram esperados, cahindo no meio dos preparativos e surpreheitando em camisa e cetoulas o presidente da Câmara Municipal, em cujo edificio apeou-se a magestade, embaracando-se logo na escada com um preto, que descia trazendo na cabeça uma grande e velha mesa. No salão do paço municipal estava ainda armada uma rede, e S. M. estranhando-se nella disse aos da comitiva:

—Os senhores arrumem-se como puderem, que eu já estou arranjado.

Alli mesmo se alinhavou uma recepção tardia com um simulacro de festas notando-se que estavam enfiados e desmorteados todos os da terra e desapontados os viajantes.

Só as 7 horas da noite poderam os *canhões amarelllos* almoçar; tendo logo ao chegar montado guarda ao paço imperial até, que, por ordem do proprio imperador, foram revidados pela guarda nacional do lugar.

—Contanto que não falte a commenda... murmurava o Galvão.

Outros mais scepticos ou mais esotomellos já davam ao diabo a commenda e a hora em que se haviam offerecido para taes serviços.

Na madrugada seguinte proseguiu a viagem para Mamanguape, com a mesma rapidez de vespéra. O imperador mudava de cavallo frequentemente, e o numero dos *canhões amarelllos* que o acompanhavam era cada vez menor. Parava e reparava para cousas insipientes e a cada instante fazia perguntas aos do seguito.

Encontrando um preto velho que trabalhava na cabeceira uma panela coberta com folhas, fê-lo pitar perguntando que levava alli.

—E' agora, meu capitão!

O imperador provou-a e declarou que — era excellente, — continuando a galopar.

Quando os ultimos cavalleiros do

cortejo explicaram ao preth quem era a personagem que lhe faltava, tamantio foi o seu pasmo que a panela estrelou em cacos no meio da estrada.

Brilhante foi a recepção feita em Mamanguape não só a S. M. como aos proprios *canhões amarelllos* que foram providos de novas cavaladuras e murmuraram-se de olhos escuros de vidraça para melhor affrontarem a poeira da estrada que já os fizera soffrer bastante.

O regresso foi perturbado por uma nota triste.

Já proximo á capital, sendo tanta a poeira que os cavalleiros mal se encheravam do pobre de Galvão, no momento em que acabava, pela millesima vez de falar na commenda, cahiu do cavallo e quebrou uma perna.

Só chegando á capital foi que o imperador soube do desastre e immediatamente mandou o seu medico informar-se do estado do infeliz moço e ajudá-lo com a sua sciencia.

O Galvão no meio das dores tinha um ar de beatitude.

—Agora tenho certa a commenda, pensava elle.

Mas enganava-se o pobre rapaz. Estava côco para toda vida em a commenda não veio.

Alguns dos dos *canhões amarelllos* puderam annos depois fazer jus a uma condecoração no Paraguay: o Galvão, já estropiado, não ponde ter esse recurso.

Teve porém uma compensação a tantas desventuras:—Não casou.

Ceará—1895.

Bruno Jacv.

MAL INTIMO

Esta amargura funda, esta inclemencia Atrá e brutal que me persegue, e mata, Como um veneno, as flores cor de prata Da minha ostristecida adolescencia:

Este ambiente de corrupta essencia Onde o Tédio os seus flocculos dosata; Este vento de dor que me arrebatá, Os sonhos de fulgor e transparencia;

Toda esta amarga e triste decepção; Esta da vida sceptica ironia; Esta continua e trágica afflicção:

Este simoun do mal ve'n-me um dia, Por não possuir teu peito um e coração Quando no meu um coração batia!

(Dos Doentes).

1895.

LIVIO BARRETTO.

O Jurity

A. ANTONIO BEZERRA

Ainda não se apagou em todo centro do sertão sul do Ceará, e corre como uma graciosa lenda a memoria de um dos maiores cantadores de viola.

Jurity emocionou e a rebatou toda a alma sertaneja de seu tempo.

Improvisador exímio, repentinamente feliz, o inspirado canto das selvas foi entre a rude geração sertaneja, o que foi Castro Alves no mundo civilizado de nossa patria. Foi um conquistador.

Mereceu todas as palmas e todos os louros desde o *sertão* do mais pobre roceiro até a festa do mais potentado senhor.

Foi, como todos os grandes homens o producto, a synthese de sua geração...

Depois d'elle, têm vindo muitos outros, mas nenhum o imitou.

Um mestre.

II

O Vicente, um cabrinha franziro e atirado, foi um dos seus mais dignos discipulos.

Depois de linciar-se na grande arte do Jurity, ganhou o sertão, a cantar e a conquistar nome e gloria.

Depois de alguns annos estava um cantador acabado; julgava-se superior a seu mestre e jurou batel-o.

O Vicente era conhecido pelo nome de Beija-Flor.

Todas as suas aspirações, todos os seus desejos eram bater o Jurity.

E embora estivesse muito longe d'elle atirava-lhe um repto e cantava orgulhosamente:

« O Jurity só cantava
« Diante do Beija-Flor
« Porque o pobre no ninho
« Não tinha as penas de Amor!

O Vicente achava-se nos sertões da Bahia, e aquella id'a seduzia-o, fascinava-o, e sem attender a consideração alguma poz-se a caminho em procura do seu ideal—bater o Jurity.

Este desejo dava-lhe arroubos prodigiosos de imaginação, e por once passava in deslambando a todos.

Quantos cantadores encontrava em sua passagem levava-os de vencidos, amilquilava-os. Fez epopéias. Suas cantigas eram repetidas por todo o mundo e todos pertenciam a sua escola.

Um dia, depois de andar toda a manha sem encontrar casa alguma onde podessem offerecer-lhe alguma coisa, parou a margem do rio S. Francisco.

No porto não havia uma barca sequer para lhe dar passagem. Sentia muita fome, mas tinha maior desejo de atravessar o rio. Tudo deserto. Só o vento enrugava a superficie clara das aguas.

Sentou-se fatigado a uma sombra e tirando a macha dos hombros exclamou:

« En não sei de que me serve
« Ser Beija-Flor n'essa vida.
« Ter fome e não acoor
« E só comer de cantiga

E ficou pensativo como que resolvendo um plano.

Depois de alguns minutos vio aproximar-se uma barca. Creou alma nova. Apenas o barqueiro sahio em terra elle dirigio-lhe a palavra:

—Camarada, uma passagem

—Custa-lhe dois mil réis!

Elle que não trazia um real retor-
quo-lhe immediatamente :

—Vamos fazer um negocio ?
Qual é ?

—Voez me dá a passagem e eu vou
cantando; he lhe dirigir uma cantiga
e V. dizer: Ah! esta sim, me serve!
estamos pagos, nada lhe devo; e então
dizer isto, lhe pagarei o dobro do
que pede!

Idiota! — pensou o barqueiro — es-
ta feito!

Beija-Flor tomou passagem e em-
quanto o homem fazia correr a barca,
ta cantando cousas que muito longe
esquivam de agradar ao barqueiro.

Como está:

- O barqueiro quando morre
- Não prezia confissão,
- Não ha santo que o salve
- Porque sua alma é do céu!

E continuou a cantar: cantou mu-
ito; o homem da barca nada dizia, não
decharava si a cantiga agradava ou
não. Jam-se aproximou da margem e
elle não tinha mais duvida: — ganhara
os 18000.

Beija-Flor vendo que era tempo,
fez uma pausa e n'um tom de quem
reprehendia a si proprio exclamou:

- Oh! Beija-Flor dos diabos
- Deixa de ser trapaceiro.
- Desata logo a tua maça
- Paga depressa ao barqueiro!

Ah! esta sim, me serve! bradou
muito contente o barqueiro.

—Estamos pagos! replicou o Beija-
Flor, saltando a ribanceira de rio.
E continuou sua viagem:

III

O velho Jurity deixara a vida bo-
hemica e dedicara-se ao trabalho...

Era mestre no engenho do capitão
F. Um dia estava bem calmo quando
ouvio de repente a voz do Vicente
chamando da grande grade da casa da for-
nalha atirava este repto:

- Cadê o tal Jurity
- Que as azas, quero cortar!

Jurity que com a passadeira dava
ponto á caldeira do mel respondeu an-
tes que o Beija-Flor terminasse:

- Stá mechendo capaduras,
- O fogo está muito quente,
- As azas são muito duras
- Amola a faca, Vicente!

Interrompeu o serviço e cantaram
3 dias consecutivos. Foi um duello
tremendo lindo o qual o Vicente reco-
nheceu que o velho Jurity tinha forças
ainda para ser seu mestre:

IV

O Jurity além de inspirado poeta
era um politico extremado.

Foi um martyr da politicagem aldeã.
Subio o partido adversario e a satyra
vibrante de suas glosas não poupou ao
heccio do delegado de policia. Este
despeitado mandou-o prender e amar-
rar no meio de um grande formigueiro.

Os soldados entre gargalhadas exes-
cutaram aquella selvageria e depois
de vê-lo debater-se no meio de um
milhão de formigas assanhadas e cruetes
deixaram-no abandonado.

Depois de muito tempo ouvio elle
vozes de pessoas que passavam pela
estrada, o de la de dentro da matta,
a tresudar sangue, já quasi exausto,
bradou:

- Camaradas!
- Se forem lá p'ras chapadas
- E passarem nas Guaribas
- Digam aos meus camaradas
- Que eu estou morto de formigas!

E continuando em versos vibrantes
e orgulhosos, que ficaram perdidos
n'quellas brenhas, verberou activa-
mente o partido, que elle batia pela
convecção e pela satyra e que o havia
atirado áquelle doloroso martyrio.

1895.

JOSÉ CARVALHO.

(Dos Perfis Sentenciaes.)

DE LUCTO

A ANTONIO SALLES

Branco florinha, que a tristeza inflnda
Lenta captiva e lenta descolora...
Loura manhã, que morre com a vinda
Do nebuloso inverno, ceus em fóra...

Quando sorria-se era como a linda
Pompa soberba de imponente aurora,
Que a nitidez dos verdes mares brinda,
E prantos d'ouro sobre os campos chóra...

E como a Noite entristecida e mansa,
A desdobrar no mundo a negra trança,
Chora o crystal de uma terrível pena,

Hoje, dos olhos pretos da menina,
Do pranto a góttá amarga e crystallina,
Róla tremendo ao caule da açucena...

Rio—28—4—95.

MANOEL LOBATO.

Q'Normalista

(Conclusão)

João da Matta com mais seis mezes
de idade e outros tantos de bebedei-
ras, ainda tinha impetuos de sensuali-
dade tão violentos e aturados como
aos dezoito annos. O Sr. Caminha
descreve á pag. 285 um d'estes acces-
sos de erotomania do amanuense,
sacrificando a physiologia, como, na
materia de suas descrições. Avalie
o leitor o estado de Matta por este
trecho:

«O sangue pulsava-lhe nas arterias
n'uma hyperkinesia que lhe atordoa-
va os sentidos, que lhe tirava a res-
piração, impellido-o para a mulher.»

Admira que o amanuense tivesse
sobrevivido a esse ataque de satyria-
sis e em caminho do quarto da ama-
sia não fosse suffocado pela dyspnea
lubrica e nem as tunicas de suas arte-
rias retalhadas pela hyperkinesia
n'uma carretilha de aneurismas.

Chegando no quarto da mulher,
parou, meditou, embora estivessem
todos os seus sentidos exaltados pela
lubricidade que o allucinava. Chamou
Teté áquelle mesmo tom piegas com
que chamou a atilhada na noite ce-
lebre de seu crime.

«Silencio profundo. Os cortina-
dos da cama estavam cerrados; João
foi entrando devagar, equilibrando-se
no bico dos pés.»

«Teté! repetiu a meia voz.»
«Ninguém respondeu. Adiantou-se
e escameçou os cortinados, mas—
oh!—o leito matrimonial, largo e
fresco (e de jucarandá) branquejava
desolado sem sombra de mulher.»

Se o Sr. Caminha classifica de ma-
trimonial o leito de João da Matta,
como classificará o dos casacs juíros
por união legitima?

O auctor da Normalista talvez pen-
se que leito matrimonial é todo áquelle
em que se deitam duas creaturas,
quer casadas, quer amasiadas.

«João ficou boquiaberto, muito ad-
mirado.—Que significavt aquillo? Os
lengões revoltos accusavam o deses-
pero de uma pessoa que não teve tem-
po a perder. Ante a clarevidencia as-
sombrosa da realidade, o amanuense
rodou sobre os calcanhares, e resi-
gnado como um boi, sem proferir pa-
lavra, murcho, sentiu desaparecer
subitamente o forte desejo que ainda
ha pouco o espiacava como uma or-
tiga. Retirou-se macambuso a pensar
nos caprichos da sorte.»

Termina aqui a scena pulha em que
o fogoso João da Matta passa sem
transição apreciavel do estado de vo-
luptuos hode ao de impotente boi.

Era de esperar que o amanuense,
n'aquelle accesso de satyriasis en-
trasse sem se annunciar no quarto de
Teté e não a encontrando, voltasse
em cima do rasto á cauda da casa on-
de dormia a crenda Mariann e a vio-
lentasse. Isto é que era natural, phy-
siologico e psychologico. Isto escre-
veria um romancista que melhor co-
nhecesse o coração humano.

O estado do leito vasto e com as
cortinas cerradas! Admittindo mes-
mo essa cama larga e de jucarandá
em casa de João da Matta, admittin-
do mesmo que ella tivesse cortinado,
o que não se comprehende é como Dr.
Therézinha, que no desespero não teve
tempo a perder, como se vê da desor-
dem dos lengões, se lembrou na pres-
sa da fuga de cerrar as cortinas do
leito!

Não nos diz o Sr. Caminha porque
fugira com tamanha precipitação a
amasia do amanuense.

João da Matta ficou boquiaberto
ante a clarevidencia assombrosa da
realidade, embora n'aquelle estado
que sabemos, rodou sobre os calcan-
hares, macambuso e resignado como
um boi votou para a sua rede na sala
de jantar.

Os personagens do livro do Sr.
Caminha fazem nos passar por dece-
ções trementadas! Quando se espera
d'elles um acto de valor, de energia,
de accordo com a situação, elles se
embocam que nem caracol, na phra-
se do mesmo Sr. Adolpho.

Ninguém mais soube noticias de
Teté, se era morta, se era viva, se
ainda negociava com rendas para o

Para, enfim abriu-se a terra com ella! Nem mais uma palavra sobre ella deu o auctor da *Normalista*, embora a curiosidade dos leitores fosse aguçada pelo assombro que semelhante fuga causara a João da Matta.

Enfim já no ultimo capitulo do livro apparece e desaparece D. Therезinha com a rapidez do raso.

«Quando mestre Cosme, uma manhã foi avisar a João da Matta que a menina estava com dores, o amannense dormia e nem sequer sonhava na afilhada. Ergueu-se da rede com um pulso, enfiou os calças, lavou-se n'um instante e abalou mais o velho para Aldeia, sem dizer palavra a D. Therезinha.»

E acabou-se Têô por uma vez, sem sabermos porque n'aquella noite ella havia fugido com tamanha precipitação, onde andou e depois como tornou a vir para a companhia do amannense. Segredos que o Sr. Caminha não quiz confiar aos leitores.

Trata-se agora do parto da Maria do Carmo.

No quarto, a parturiente gemia, e a Tia Joaquina a animava rezando a N. S. do Bom Parto.

Joanna Pataca, a parteira, fumava o seu cachimbo.

O amannense inteirado do estado da afilhada deitou-se em uma rede no copiar, bebendo de espaço a espaço aguardante e fumando cigarros.

O dia estava claro e n'ol-o pinta assim o auctor da *Normalista* n'este memoravel trecho a pag. 200:

«Fazia um bello dia de sol; calmo e luminoso. O arvoredor immovel dormitava na esplendida pulverisação da luz, que o narcosava para beber-lhe a seiva.»

Estranhos são os conhecimentos de Biologia do Sr. Caminha! Pelo trecho citado vê-se que o auctor da *Normalista* desconhece a sciencia que estuda os seres vivos, sua organisação e seus actos. Fazer a planta adormecer quando o sol a envolve n'uma esplendida pulverisação de luz! Ignora o Sr. Caminha o somno das plantas? Esse matapasto que mereceu do Sr. Adolpho a classificação de *planta perenne*, observe-o no pôr do sol e verá que os seus foliolos d'elle, erectos, expandidos, vão esmorecendo, se inclinando, a proporção que a luz se apaga, até se focharem de todo n'um apertado abraço.

A *luz narcotisa o arvoredor para lhe beber a seiva*! Os meus fracos conhecimentos de Biologia não me permitem comprehender tão arrojada imagem.

Sei que o sol tem uma influencia real e manifesta sobre todos os seres vivos, quer de um, quer de outro reino. Sei que os vegetaes de chlorophylla expostos a luz, seus actos physiologicos, não são os mesmos que na escuridão.

Sei que a planta respira como os animaes, quer o sol illumine o espaço, quer a noite escoreça a terra; mas sei tambem que ha uma outra função dos vegetaes, que depende da luz, a função chamada chlorophellana e que consiste em uma acção reductora que se effectua ao sol e que decompõe o acido carbonico absorvido pela plan-

ta, em seus elementos oxigenio e carbonio, sob a influencia da chlorophylla.

Não sei qual o effeito narcotizador da luz sobre os vegetaes! Pelo contrario a sua acção é toda estimulante, excita a funcção dos differentes orgaos da planta.

Adormecer o arvoredor para a luz beber-lhe a seiva!

Quem sabe se o Sr. Caminha n'esta imagem metaphisica não alludia a transpiração das plantas? Tambem não é possível: a luz excita a circulação da seiva, estimula os actos physiologicos, provoca a sahida d'agua, que em transpiração mais ou menos abundante conforme o tempo é mais claro e mais secco, se evapora pelas folhas, e o arvoredor do Sr. Caminha dorme e o que transpira a sua epiderme é seiva e não agua!

Beber a seiva da planta nunca a luz conseguiria! Que o calor beba agua que transpira das folhas dos vegetaes, do mesmo modo que bebe o suor que exsuda de nossos poros, admitto: mas nunca a seiva, a seiva que é para as plantas o que o sangue é para os animaes.

Estude um pouco de Biologia Sr. Caminha, sciencia que todo homem deve saber e ainda mais os escriptores, que se dedicam ao estudo do coação humano, e verá que a Natureza que tudo criou com uma perfeição admiravel, uma harmonia sublime não havia de crear a luz a semelhança dos vampiros da Fabula para sugar o sangue de suas creaturas.

No fim d'esse dia claro e ao acender-se a primeira vela no quarto da parturiente, esta teve o seu bom successo: Um parto sui generis, como vai ver o leitor.

«Sente-se, comadre, sento-se pelo amor de Deus! supplicava a parteira, agarrando Maria com geito.»

«Sente-se minha filha, repeta a outra.»

João da Matta, que bebia aguardante desde manhã e que devia estar de todo bebado, contra a expectativa dos leitores, *acudido gelado*, e estacando a porta do quarto exclamou:

«Calmá! calma!...»

«Mas era tarde. Ouviu-se uma pancada surda no chão, como a queda de um bolão de barro humido.»

«E Maria tombou como um fardo sem sentidos na rede fria.»

O Sr. Caminha como escriptor naturalista não devia ignorar o como dos phenomenos, embora o porque lhe escape como a todo homem com os conhecimentos que tem na epocha presente.

Se não tinha idéa alguma sobre parto, porque estou certo que nunca passou por esse transe, devia ter lido algum tratado, mesmo qualquer simples compendio de obstetricia para não se expor a queo chamassem de tão em semelhante assumpto.

Tão estranho foi o modo de morrer do filho de João da Matta como o seu modo de nascer! Ninguém sabe se lhe chegaram a cortar o umbigo! A morte foi em consequencia de ter elle *pinado de ponta* e ter batido com o cráneo no chão, pancada que fez-lhe espirrar sangue das ventas... e nada mais disse o Sr. Caminha sobre o filho de Maria.

Findo o resguardo, voltou Maria do Carmo para a Escola Normal, embora tivesse sido expulsa e continuasse na direcção do estabelecimento o mesmo director que a exortou por immoral! Voltava, forte, alegre e mezes depois casava-se com o alferes Coutinho, official de policia, o mesmo que no casamento do Loureiro, o Sr. Caminha nos apresentou como quartel mestre do exercito.

A normalista casa já no fim do livro, e é por isso que o Sr. Coutinho, no começo official de linha, é rebatido no epilogo para official de policia.

Recolha-se, medite Sr. Adolpho Caminha e se convença de que escreveu um mão livro em todos os contidos.

Fortaleza.

RODOLPHO THEODORO.

Concordancia grammatical

De uma illustrada assembleia si um discurso se propala, não haja confusa idéa nos applausos a quem fala.

Esta palavra—apoiado—é participio e se applica ao orador deputado que com acerto se explica.

Si acaso lhe deu apoio todo o collega presente com certeza elle é ou foi, apoiado geralmente.

Entretanto os annaes lendo ou neste ou naquella enseja, qual disparate estupendo, apoiados geraes vejo!

Numero o genero pelo a syntaxe rigorosa, e da lei ninguém se arreda, quer em verso quer em prosa.

Exemplo: si uma senhora fallando, fosse abônada, cumpria dizer que fôra não apoiado, apoiada.

Quando um só homem disparte e não sejam dous nem mais, esta pergunta me occorre: Houve apoiados geraes?

Barbacena, 1895.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA

Alberto Nepumocena

A respeito d'este joven e já glorioso artista cearense escreve-nos do Rio um amigo:

«Chegou ha pouco da Europa o Alberto Nepumoceno, o *Nepo*, como lhe chamam na intimidade os amigos. Veio casado com uma distinctissima senhora nascida nas brumas gólicas da Scandinavia (na Noruega, creio), que executa magistralmente ao piano composições dos grandes mestres allemães e russos.

Veio casado e celebre: já empolgou o publico fluminense.

A primeira vez que nos encontramos foi no Hotel de la Paix, donde ás vezes vou jantar por flear pertinho do meu jornal. Eramos quatro: os dois Bernadelli, o Rodolpho, o grande burilador da *Façaia*, do *Christo e o infallente* e do *usario*, e Henrique, o applaudi lissimo pintor de quem não cito algumas telas porque são tantas e tão admiráveis que fomeria desaperter preferindo estas a aquellas — todas são *melhores*, o Cotta, d'U Paix, o Nepo.

Falamos eu e elle do nosso querido e saudoso norte, dos seus primeiros passos no piano, das nossas cousas do norte, do ti etc.

Lembra-se de tudo o malito Nepo, que esteve tantos annos na Europa, em convivencia ininterrompida com estrangeiros, com os quaes aprendeu o allemão, o sueco, o inglez, o italiano e o francez, sem esquecer o idioma natal, que continúa a falar como legitimo brasileiro.

No domingo, 1, fez elle a sua primeira exhibição musical publica, um concerto no qual tres quartas partes das composições eram suas.

Toçou piano admiravelmente e tocou o grande orgão do Instituto Nacional de Musica como professor que é d'essa cadeira no mesmo Instituto. Um artista grande, um artista celebre, um artista perfeito — eis como nos chega da Europa o Nepomuceno.

O que sobretudo me encantou n'elle foi o sentimento patriótico que transbordou de alguma de suas composições musicaes. Puz em musica, com propriedade e um sabor lyrico delicioso, versos de Juvenal Galeno (*Tu és o sol deus*), de Gonçalves Crespo e de João de Deus, e mais uma *chapsodia* de musica popular brasileira — a *Gallhoeira*, que foram ouvidas entre os applausos da multidão, que enchia a vasta sala do Instituto. Um triumpho!

Conto-te tudo isto assim, sem refolhos e tão por miúdo porque de certo vais flear contente com esta noticia. E o nosso Juvenal Galeno, o poeta do povo e da vida do povo, como fleará satisfeito sabendo que a sua musa inspirou ao Nepo uma bella pagina musical!

Tea, etc.

B.

A bordo

Corta o navio as ondas, em demanda, em busca de outras regiões. As velas Alvas vão soltas á suave e branda Aura, que sopra, que se esbate nellas.

Declina a tarde, o sol, já se o esaltando. Amortecido olhar volve p'ras aguas. Que, sem cessar, agitam-se chorando, como feridas por profundas mazuzas.

E alem... na curva do horizonte extenso. Vão a terra entreas brumas se perdendo. Enquanto as sombras de um pesariimmens Vão a minh'alma, nos poucos, envolvendo

18. 8—95.

ANTONIO DE CASTRO.

Album de estudos

III

NO MAR

A minha primeira viagem por mar — primeira e unica até o presente — bem merece que a recordagora revivendo as impressões que me deixou e que já começam a bricolete no meu espirito um deliquio de chamma que se extingue.

Um muitos passageiros, e entre todos errei eu o unico que embarcava pela primeira vez.

Ao descer ao camarote para acomodar a minha malota, tive uma impressão de pavor: do camarote visinhos partiam sons esterrotados, vozes estranguladas, gemidos, *ai Jesus!* afflictivos.

Dir-se-ia que algum scelerado andava a infringir supplicios atrozes aos meus companheiros de viagem.

E com effeito, um scelerado — o enjão — torturava-os sem piedadade.

Suggestionado por aquellas cousas comeciei a sentir calafrios, snores de agonia, contracções do estomago.

Considere-me perdido e subi as pressas para o tombadillo.

Sentado a um banco, fitando estonteadamente a cidade, eu esperava com terror a phase extrema do terrivel mal.

O navio, ancorado muito proximo á terra, balouçava-se como uma rede fortemente impellido.

Vinha da prôa um cheiro nauseabundo de animaes e de mercadorias.

Um conhecido meu, agarrado a um maço de cordame, apertando desesperadamente o chapéo de sol debaixo do braço, muito triste e pallido, tinha um aspecto tão dolorosamente comico, que eu não pude conter uma gargalhada.

E rindo, verifiquei que estava um pouco melhor.

Esta melhora accentuou-se de mais em mais, e uma hora depois eu passava no convés bem disposto e contemplando com satisfação o panorama da cidade.

Estava livre do enjão! Esta convicção enlanceceu-me a meus proprios olhos a ponto de o harcom desdem os demais passageiros — sobretudo o sujeito do chapéo de sol, que curvado sobre a amurada... regalava os peixes.

Dentro em pouco o navio erguia o ferro, e a helice executava as primeiras rotações.

A quilha comegou a retallar o dorso dos vagalhões, que um vento rijo enroscava e rolava p'ra a costa.

Meus olhos se immobilizavam na contemplação da cidade com sua escuria branca, ao sol e os seus tufo de folhagem verde-negra.

A torre do Sê se destacava impoente, muito alta e branca, tendo ao centro um orificio negro, como um olho investigador a sondar as cousas encumbrantes.

A proporção que o navio se afastava, a cidade se deprimia, se amesquinhava, accusando um crescente indecisão de linha, uma lenta e fatal deformação de contornos.

Voltei-me para o mar amplo e verde a embeicar ao longe com o horizonte esfumado de vapores cinzentos.

As aguas, na sua tremura eterna, tinham lampejos offuscantes.

Aqui e ali um flocculo de espuma efflorescia a crista de uma vaga.

A esteira, traçada pelo navio e desenhava para traz na sua branca efflorescencia de via-lactea ephemera.

No grande silencio de bordo se avoittava o estridor das machinas no seu trabalho incessante.

Eu me sentia encantado. A intimidadade marinha seduzia-me como se um genio das aguas me segredasse segredos dos seus threnos fascinadores.

Fitava com respeito os bronzeos tripolantes a encostar em tão familiarmente o mar que tanto respeito me infundia.

Ah, que existencia rudemente bella a dos honores do mar! Antes e dias a verosamente o infundo azul do ceo e o infundo azul do oceano! Nobre vida!

Uns brutos, meu amigo, os diabos destes maruhentos, tira o homem do chapéo de sol, irritado com o sorriso gallhofero de um marujo.

Isto é vida de gente! Pois vale a pena viver para andar em cima de uns taboas, que de um momento para outro podem descompartar-se e levar tudo para as profundidades! Antes ser soldado, rolar barricas ou quebrar pedras, palavra de honra!

E limpava francicamente o bigode com o lenço.

Eu sorri com tolerancia e aconselhei-o a chupar limões.

Mas o homem deixou-me precipitadamente e aproximou-se da amurada, aos tombos, apertando o estomago.

Aterra então era apenas uma mancha estreita e escura debruando, longinquamente o mar.

Calma imponente avassallava tudo, fazendo irradiar da alma da gente libaredes de roseos pensamentos...

Vinham-me á me te os Versos de uma estrangeira do grande vate bahiano:

No prôa os nautas cantavam.

Erão saudades? Talvez!

Nossos bairros estalavam

Como esbala a castanhola...

Lembras-te, nautico, hespanhola

Acaso lembras-te, lquez?

Para os dramas e as comedias do amor decerto não ha sem rio tão bello como o do mar.

A paixão deve assumir nessas alturas proporções supremas.

E como este vento marinho deve levar depressa os juramentos de amor eterno!

Procurei avidamente uns olhos minimos em que insulfestada a chamma de amor que me incendiava o coração.

Mas as lquez de bordo estavam todas enjoadas, creio.

A. S.

Tartarin de Tarascon

Afonso Daudet, o delicado e imaginoso escriptor francez, burilando esse livro primoroso *Tartarin de Tarascon* nunca pensou talvez que apanhasse de natural, ao vivo, um typo brasileiro, muito nosso, muito unico e original cheio de aventuras gloriosas e estupefacientes...

Das o nosso estimado o mi querido Tartarin de Tarascon (vulgarmente conhecido pelo pseudonymo de Oscar Leal) com o genio bellicososo que tem, todo elle aventuras, todo elle leões e tigres, odios e vinganças, entendeu, num folha portugueza "A Madrugada", do que parece ser director, entendeu, rogo... li-somjear-me com phrases d'uma adjectivação ruidosa e barulhenta que vindas de outro, seriam recebidas como insulto grosseiro e baixo, e como taes de-litadamente respondidas, ao passo que partidas desse mesmo delicioso e desopilante Tartarin de Tarascon (talhás Tartarin sem Tarascon) são duma ingenuidade rara e humoristica, alegremente communicativa.

Ora, desde quem insulta é o enorme e incomparavel Tartarin do Tarascon, o aventureiro unico, matador ferós... de leões e tigris e domesticados, o litterato... tarasconoz até a ultima, nós só temos, depois dum riso bom e vivificante, de commentarios alegres e gallofeiros ou meio de gargalhadas sonoras, deixar cahir da penna a unica resposta possivel — uma linha de reticencias.

RACE DE AZEVEDO.

Pará — Agosto — 1897.

Pela vida

— A. CLEVER BEVILAQUA —

Noivos: Replectos do ardor
Amam-se entre mil caricias,
Libando as santas delicias
Dos quentes beijos do amor!

Mais tarde: O peso dos annos
O peito de ambos invade;
E cheios de desenganos,
Trovam beijos de amizade...

São velhos... que noite fria...
Eil-os tristes a toda hora,
Pensando com nostalgia
Naquelles beijos d'outrora!

(Do livro «Procellas»).

LEOPOLDO VILHO.

Imprensa Litteraria

— REVISTA CONTEMPORANEA, (RECIFE) n.º 14. Traz a conclusão do bello artigo de França Pereira sobre Maupassant a da apreciação bem lançada de Paulo de Arruda sobre as *Troncas do Norte*. Desmosthenes de Olinda fecha a sua *Chronica* com dois delicados *Psalms de amor*.

— ILUSTRAÇÃO (RECIFE), nos 11 e 12. O primeiro traz o retrato do sr. Tito Rosas e o segundo o de Carlos Gomes, a quem se referem todas as produções do texto.

— REPUBLICA PORTUGUEZA, (Capital Federal) n.º 10. Publicado no dia do centenario da morte de Bazilio da Gama, e este n.º exclusivamente consagrado a memoria do grande epico do *Uraguay*. Nelle collaboram Macha-

do de Assis, Padre Corrêa de Almeida, Thomaz Ribeiro, Sylvia Romero e diversos outros escriptores. A honsecação da *Revista Portuguesa* está na altura do grande vulto a quem é ella prestada.

— A PROVINCIA ILUSTRADA, n.º 7. Primoroso este numero da edição illustrada e litteraria com que a *Provincia do Pará* mimoseia nos domingos a publico paraense.

Traz espirituosos embora pouco nítidas gravuras e excellentes trabalhos litterarios entre os quaes notamos a *Carta aberta de G. de Miranda a Antonio Salles*, sobre as *Troncas do Norte*.

CARTEIRA

THIAGO RIBAS

Cumpre, nos registrar aqui o passamento destedistincto e talentoso moço, que tanta honra fazia a nossa mocidade militar.

Era um trabalhador incansavel, e pouco tempo que lhe sobrava aos seus arduos estudos, a que se entregava com um aficção raro, empregava-o na cultura das bellas letras, redigindo folhas litterarias nas quaes publicava de preferencia estudos criticos.

Deixa um folheto de polemica philologica — *Questão grammatical*.

Ultimamente no Pará, para onde foi transferido e onde a morte surpreendeu-o, dirigia a publicação d' *A Epocha*, revista litteraria e scientifica redigida por alumnos militares.

Conquistando por estudos o primeiro posto do exercito, tinha Ribas adiante de si um futuro de bellas e promissoras esperanças.

E sinceramente compungidos que apresentamos a sua inconsolavel familia o nosso cartão de pesames.

LUIZ CSEARIO

Recebemos as despedidas deste nosso camarada e amigo, distincto e intelligente alumno do Lyceu Cearense que por motivo imprevisto, foi obrigado a interromper os estudos e seguir até o Acará onde acaba de fallecer seu digno progenitor, o sr. Antonio José Ferreira Junior.

Dezajando prospera e bonançosa viagem ao Cesario mandamos-lhe o nosso sincero abraço de condolencias.

«MIGNONNES»

Para este futuro livro de Roberto de Alencar escreveu Eduardo Saboya o bello prefacio que passamos a transcrever pedindo a respectiva venia a *A Semana*, na qual foi publicado:

MEX CARO ROBERTO DE ALENCAR
Desvanço-me sobre modo ter de apresentar ao publico o teu livro de estrêa litteraria, sem invocar para mim outro merecimento que não seja a lembrança da nossa boa camaradagem.

O teu coração começa a acordar para o Amor e o teu talento, em scintillantes lampejos, illumina a estrada

dos sentimentos affectivos que aggra percorre a tua alma.

As paginas que se seguem são, pois, o reflexo do teu coração que ainda não acordou para os desenganos. Ellas evocam a saudade dos que já sentiram o que sentes agora; porque esses reconpoem o vulto do seu passado, e os restos de chiméras e sonhos amortalhados na sombra do Tempo assomam aos olhos como tumullos brancos no Campo Santo de um cemiterio; e entendem-as ao melhor aquelles cujas almas são irmãs da tua pela afinidade de sentimentos e homogeneidade de idéas.

Partences, ao numero d'elles que têm a creença inabalavel e consoladora de que o idealismo não morre na Arte. Eu acredito que sim, enquanto houver Amor e Saudade.

Muito melhor sonhar do que fazer da penna escalpello das podridões sociaes.

Muito melhor voar a alma da gente até outra, irmã da nossa, que fica distante, do que rastejar parallelamente com as misérias humanas.

Muito melhor olhar o azul do céu do que a treva das almas mal formadas.

Melhor, muito melhor sonhar!

Na poesia para mim ha uma qualidade essencial: o idealismo com um lingo de pesar ou de alegria, pessoas embora; mas que convenham a todos os corações, e cuja historia sensibilise ou encante docemente a alma de toda a gente que tem alma e coração.

E as tuas fantasias são pedaços de versos que não quizeses rimar.

A nenhum titulo faço jus perante o publico para fazer a apresentação de tua individualidade intellectual.

E' que eu preciso de apresentação? Não sou, confesso com desvanecimento, nenhum *apresentado*. Em todo o caso, direi ao leitor que lançar aqui o seu olhar, a cita de prefacio, antes de folhear as *Mignonnes*, onde elle vai consumir com os olhos o teu pão de espirito, que neste livro se reflecte bem tua alma, joven e affectiva, através dos traços de tua penna manejada com uns laivos de mestria, que ha de caracterisar mais tarde um perfeito artista da palavra escripta, que promettes ser. E tenho plena convicção de que esse presagio de bom agouro não falha. Muita gente que agora faz figuras, na tua idade não seria capaz de escrever paginas como as que se vão ler fructo das horas bem aproveitadas dos teus laceres de estudante.

Eis porque te digo que não receio publicar as tuas graciosas fantasias. Como livro de estrêa na tua idade é o fazer alguma couza e prometter muito mais.

Abraça-te, pois, o amigo *acorde* EDUARDO SABOYA. — Pio 95.

— JORNAL ILUSTRADO —

Recebemos o n.º 4 deste periodico, que traz os retratos de Alexandrino de Alencar, do general Hypólito e do coronel João Francisco, assim como uma vista da Escola Militar da Capital Federal.

Retribuiremos.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebções do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRÊS QUINAS. Poderoso tónico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescências.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJEÇÃO ANTI-BLENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo—80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

L BILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTA CIDADE

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. Relogios de ouro, de prata e nickel, para algebeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. Relogios para paredes e baionet, despertadores de todos os preços. Lunetaria superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C

RUA DO MAIOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanteja-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52--Rua do Major Facundo--52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no AGUIAR.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP-STUDART—Rua Formosa n. 40.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Setembro de 1895.

NUM. 24

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMMARY: Os quinze dias, Moncyr Jurema: Seguidilha, Garcia Redondo:—A galope! Antonio Salles:—Marinhas, Antonio de Castro:—O Velho Doutor, José Carvalho:—Sonho de amor, Manoel Lobato:—Deserente, Frivolino Cavavento:—Magnetismo, Sabino Baptista:—O canto do Sabiá, C. Brunetto:—Punição, Rodolpho Theophilo:—Imprensa Litteraria, Satyro Alegrete:—Ante um quadro, Lopes Filho:—Archiro, S. B.:—Através do Sonho, Livio Barreto:—Carteira.

Os quinze dias

Permittam-me os leitores que hoje me occupe de um assumpto que não os interessa muito, mas que está a cahir-me espontaneamente do bico da pena.

Disse—não interessa muito, quando deveria ter dito—não interessa nada.

Quero falar de uma festa. . . Não é da do Club Cearense, não senhores. Esta de certo interessaria a todos os leitores d'O Pão, que todos lá estiveram, sabido como é que a ella concorreu a fina flor da nossa sociedade.

Eh, porém, não fui; e como não gosto de fallar de outria, deixo ao representante d'O Pão o cuidado de descrever-a em outra parte desta folha.

A festa de que vou occupar-me foi toda intima e realisada em casa do nosso prezado chefe Bruno Jacy, em Porangaba.

Este fecundo amigo baptizou no ultimo domingo o seu. . . nono (!) filho, e para festejar litterariamente o acontecimento, a Padaria abalou para lá conduzindo o seu forno ambulante e os respectivos combastiveis.

A risosinha vivenda do Bruno Jacy, muito alva e garrida entre mangueiras e cajueiral viridentes, abria seus hospitaleiros batentes á gente amiga que o trem e os bondes lhe traziam em grupos alegres e sequiosos do ar bemfazejo dos campos.

Porangaba, a mimosa ox-tapuya, é hoje uma rapariga civilisada, que não se veste de pommas o nem passeia a pé; agora ella usa espartilho, envolve-se em tecidos de Paris e so põe o pé fora de casa para trepar no bonde ou no trem.

Quem a conhece sómente através dos velhos mas formosos versos do nosso velho e pouco formoso mas sempre inspirado Juvenal Galeno, ficaria nem espantado de vê-la agora enfeitada nos adornos que a civilisação lhe emprestou, para mal dos seus peccados.

O serviço de bondes, ultimamente inaugurado, veio sobretudo roubar-lhe os ultimos vestigios do seu primitivo encanto.

A invasão da capital foi brusca e destruidora.

A pittoresca Porangaba de outrora não é mais hoje do que um humilde prolongamento da Fortaleza.

O rapazão do commercio, das repartições e das escolas foi levar-lhe a nota burgueza dos seus fracks pelutras e dos seus sapatos lustrosos.

Sómente á lagôa, a reflectir eternamente o eterno azul, ainda é a mesma em que se banhava a formosa cubêda, de cujas carnes opulentas e cheirosas chora saudades quando o vento doidejante das manhas lhe devassa o seio morno e crystalino.

Felizmente, a casa do Bruno Jacy, fica um tanto isolada, e as arvores que a emolduram dão-lhe um certo encanto bucolico sufficiente, para delectar a nós outros galés da vida urbana, de olhos cansados de ver linhas geometricas de architectura e de ouvidos estrompados pelo rumor brutal dos vehiculos.

Como o palacio do Fortunio, com seu faustoso orientalismo ignoto dentro das ruas de Paris, a casita do Bruno pompeava seu esplendor campesino ao lado da invasão prachana, da qual assegr gavam suas fronteadas mangueiras e seus cajueiros floridos.

Formosas senhoras, rapazes joviaes, respeitaveis mas alegres cavalheiros, creanças travessas sonorizavam o sitio com palestras e risadas.

E o dono e a dona da casa, afanosos e amaveis, iam e vinham, distribuindo a direita e a esquerda o seu thesouro de attentões.

Aqui se discutia litteratura, ali modas, além se relatavam episodios antigos e mais adiante. . . não se discutia coisa alguma, porque este mais adiante se refere á meninada, e esta o que fazia era camballotar na areia, suspender-se aos galhos da mangueira e bater-se em fingidos

pugilatos entre gritos de applauso o ude apupo.

De vez em quando o piano, só ou com o violino, se fazia ouvir na sala, e todos se quedavam, a beber as ondas sonoras da musica.

Alguns dos convivas foram visitar o asylo de alienados: eu preferi ir tomar um banho na lagôa, porque para ver dois illos é preciso ir ao asylo, onde uma insignificante minoria delles está recolhida. . .

Do volta do banho senti no estomago o prurido da fome—que a tanto tempo não sentia!—esse prurido tão desagradavel para quem não tem com que fazel-o cessar e tão agradável para quem, como eu, encontrava uma mesa abundante a insinuar-mo pelas narinas o capitoso e tentador aroma dos quitutes.

Algum tempo depois do almoço e passa da a crise da formação do chylo, a Padaria formou formou é um verbo da epocha no alpendre e começou-se a formada pela apresentação solenne dos Chromos, de X. de Castro, dos quaes se leram diversas peges, que foram acolhidas com risos e palmas.

Leram-se diversos outros trabalhos, que peço licença para não enumerar.

Mais tarde baptison-se a Julinha, escrevendo um dos nossos a seguinte estrophe:

O padre fel-a christã
Lavando-lhe a cabecinha
N'agua lustral. . . Da muçã
Já não poderá Satan
Gosto sentir nesta alminha. . .

E no meio do mesmo ambiente de desafogada alacridade se passou o resto do dia—dia rapidamente escoado como todos os espaços de tempo, durante os quaes se encerra este mundo velho e mal feito pelo prismal risosinho do bem estar.

A volta é que não estive de accordo com as felizes disposições de que todos se achavam possuidos.

Oh! aquelle bond com uma latagão tripla, roncero, aspero, cheio de fumo de cigarros, parando a cada instante, conduzindo gente que assobiava e havia com as bengalals ou dizia pilherias parvas em voz alta para que todos ouvissem. . .

E o caso de dizer como na sacara de La condessa:

Tão alegres que viemos
E tão tristes que voltamos. . .

MONCYR JUREMA.

Seguidilha

DE THEOPHILUS GAUTIER

(No alba de C. Brancato)

Não aportada nas amas,
Na franga um pente sem fim,
Olhos de fogo, mãos brancas
E umas pernas de marfim!
O pé do creança, um soro!...
Alas! Salero!...
Eis a hespanhola,
Que adoro e quero.

Gestos livres, dizer linceo,
Sal e pimenta a quem quer;
Nenhuns cuidados o pouco
Pensar grave de mulher;
Amor caprichoso e fero!...
Alas! Salero!...
Eis a hespanhola,
Que adoro e quero.

Dansar, ao tom catalado
Das castanholas cantar,
E de charuto plantado
No labio em fogo, a clamar
As destrezas de um torero...
Alas! Salero!...
Eis a hespanhola,
Que adoro e quero.

GARCIA REDONDO.

A galope!

(COM VISTAS AO EXÍLIO DENTISTA E LIT-
TERATO DR. OSCAR LEAL.)

Entre as innumeras descomposturas com que tenho sido mimoscado desde que onctei a minha vida litteraria, vem fixar-se agora a que me pessegou Lopes Carqueja, na *Madrugada*, hebdomadario que se publica em Lisboa, sob a direcção do famigerado Oscar Leal, dos *Contos do meu tempo* (lá delle) e de outras obrinhas de igual jaez.

Deu causa á descomponenda o seguinte:

Lopes Carqueja, que *arqueja* e tambem orreja, reuniu em um folheto as opiniões externadas por diversos jornaes sobre um dos livros de Oscar Leal, folheto de que mandou, um exemplar á Padaria Espiritual.

Accusando o seu recebimento, eu lamentei que o Sr. *Qu'arqueja* se desse ao trabalho insano de gastar sua cêra com tão ruim defunto, collocando opiniões, ás vezes insignificantes, sobre um livro pulha, como todos os que sabem do boticão... quero dizer, da penna de Oscar Leal.

Mas quando tal escrevi não sabia ainda, como sei agora, que Oscar Leal e Lopes Carqueja são duas alimárias distinctas e uma só pessoa verdadeira.

Vejam como é modesto o Oscar: prevaleceu-se de um pseudonymo para espalhar nos quatro ventos as aprociações feitas ao seu livro.

Lendo a miúda aprociação, Oscar-

queja inflamou-se, bufou, erigiu as longas orelhas e demandou-me os pés.

Acostumado a alimentar a sua basofia de capadocio ladino e audacioso com as migalhas que lhe atira a mal entendida benevolencia da critica, Oscar Leal (ou Lopes Carqueja) não comprehende a minha divergencia e a attribuição a má vontade que eu lhe tenho, ao proposito firme do offendedor.

Não ha tal: referindo-me a Oscar Leal na noticia que dei do folheo em questão, eu disse apenas que S. S. nos seus livros se revela « crassamente ignorante, ridiculo e falto de senso commun ».

Mas isto sem intenção de offender e inovido somente pelos sentimentos da mais absoluta sinceridade.

Si estas verdades o magoam, que hei de fazer?

Que culpa tenho eu de deixar S. S. do fabricar deturdações para fabricar livros?

Que culpa tenho de que a imprensa portugueza e a brasileira não sejam bastante caridosas para dizer-lhe a verdade, poupando-o ao destructivo de perpetrar livros irrisorios?

A primeira vez que tive de occupar-me com o Sr. Oscar Leal foi quando, nas columnas d'*A Republica* e sob o pseudonymo de *Abrahim*, de que então usava, apreciei as suas *Viagens ás terras Goyanas* e os seus *Contos do meu tempo*, e fil-o somente porque, redigindo uma secção humoristica, taes obras me proporcionavam um inesgotavel cabedal para fazer pilheria.

Mas sem intenção de offender. Si das minhas apreciações concluiu o publico que S. S. é uma besta, a culpa não é minha.

Que má vontade posso ter a um homem de quem só conheço as obras e os retratos que infallivelmente as ornãam?

Dadas estas explicações, que, espero, sejam tomadas á boa parte pelo Sr. Oscar Leal, passo a apreciar o seu artigo.

Dispozesse eu de mais espaço, e, em vez de apreciar-o, limitar-me-ia a transcrevel-o.

A ignorancia e a falta de senso de Oscar Leal nelle se revelam de modo tão frisante que dispensam qualquer comentario.

Mas é longa a cadeia de sandices, e só posso por isto destacar-lhe ao acaso alguns elos.

Começa Oscar Leal me chamando *mulato*: errou a classificação da minha origem ethnologica. O que sou é *caboclo* um tanto modificado pelo concurso honesto de algumas gotas de sangue portuguez de minha terceira geração ascendente.

Apesar dessa modificação, me considero caboclo legitimo, e si tivesse um brazão, nelle figurariam flechas e tacapes.

E que será Oscar Leal ethnologicamente? Não me repugna acreditar que S. S. seja de boa raça e de pelle branca, porque isto não vem ao caso. Algumas pessoas que o viam quando aqui esteve de passagem para o norte, affirmam-me que S. S. é um bonito rapaz, bem trájado, bem nutrido—em-

fim *uma boa estampa*, como diz a gente do sport.

Intellectualmente, Oscar Leal é um demonto com a bossa da philautia e da expertise.

Vamos adiante.

Falando das minhas *Troças do Norte*, diz Oscar Leal que nellas « *haciam* produções detestaveis, etc. ».

Que critério pôde ter um critico litterario que nem ao menos conhece as regras do verbo *hacer*, familiares a qualquer menino da escola?

Oscar Leal me chama « critico anonymo d'O Pão » e fala diversas vezes em *anonymato* sem comprehender aliás a significação desta palavra.

Como é que pôde haver anonymato n'uma revista litteraria que não tem secção livre, e em cujo frontespicio se lê o nome do director?

Para qualquer pessoa de espirito menos obtuso que o de Oscar Leal, é claro que todas as pecas não assignadas d'essa revista são da responsabilidade immediata do director.

Sob o pseudonymo de Lopes Carqueja, Oscar Leal qualifica a si mesmo de « escriptor que mais serviços tem como tal prestado ao seu paiz, já fazendo conferencias, já escrevendo e dando-nos a conhecer suas riquezas e suas bellezas ».

Os « serviços » allegados no trocho acima são o que se chamam communmente—serviços do diabo-cão, e que não têm effeitos somente negativos, mas tambem perniciosos.

Eu tremo de pavor e sudo de patriotica vergonha só em pensar nas monstruosidades que Oscar Leal deve ter escurmado nas suas apregondas conferencias!

Felizmente andou por lá Valentim Magalhães, e o publico lisbonense terá reconhecido que o Brasil possui homens do senso e de talento, preditados a que é absolutamente estranho Oscar Leal.

Quanto aos seus livros, elles são sem effeitos preciosos—não como documentos da vida nacional, mas como documentos de psychologia morbida a desafiar a attenção de Ferrero ou de Lombroso. Oscar é ao mesmo tempo graphomano e megalomano.

Soffro do mal de *escrever* e do mal de *fazer figura*.

Qualquer dia o teremos commendador de qualquer coisa.

Diz Carqueja que si Oscar lesse o meu artigo « *soltaria a risada do costume, propria dos grandes talentos*. »

Oscar Leal pôde ter uma *risada do costume*; pode até rir-se a horas certas, como dizem que zurrãam os jumentos; mas que essa risada seja *propria dos grandes talentos*, não o subia.

Tenho conhecidos homens de grande talento, sérios como um pote, e imbecis que soltam a cada passo risadas proprias dos *oscuros laes*.

Affirma Oscar que na redacção do seu jornal existem duas longas cartas dirigidas d'aquí e na qual dizem de mim cobras e lagartos.

Acredito piamente, e até poderia dizer quem as escreveu. Saiba o Oscar que não é unico na especie; por aqui ha gente do seu estalão e muito digna do conviver e de se corresponder com S. S.

Os ineptos, como agulhas à superfície d'agua, tendem a attrahir-se.

Un sot trouee toujours un plus sot que l'admirer; é portanto perfeitamente natural que S. S. achie no Ceará quem o applaude e lhe forneça informações malevolas a mais respeito.

Continuemos:

Diz o Oscar: «Di mesma fôrma que enxotamos para longe o repil que nos tenta morder, temos também a indulgencia de poupar-lhe a vida, deixando-o se esgueirar entre os *sycomoros* de cisco em que vive e se arrasta debilmente».

Todo este periodo é bastante asiático, mas ha nelle sobretudo um emprego de palavra impagavel:—*sycomoros* de cisco.

Sycomoros de cisco!!!

Oscar quiz dizer *comoros* (montão, acervo, combo) e disse *sycomoro*, que é o nome de uma planta.

Sycomoros de cisco só poderão brotar no planturoso cerebro do Oscar.

Pergunta Carqueja qual é a minha profissão, e elle mesmo responde—*nenhuma, nenhuma*.

«Nenhuma, sim, accrescenta, porque ser crendo do governo estadual, ter um emprego publico, enfim, nada significa.»

E não é que o patife chamou de creoulos a todos os funcionarios publicos?

Então, pedaço d'asno, exercer como eu exercia o cargo de Secretario de Estado dos Negocios do Interior é ser *creulo do governo estadual*?

Ter um emprego publico nada significa, oh casmurro?

O que é profissão decente é somente arrancar dentes podres, fazer dentaduras e obturar caries, paspalhão?

Depois destes desafoos que trahem todo o infinito despeito que lhe rãe as entranhas, Oscar mette-se a fazer espirito e lembra-se de aconselhar-me... sabem o que? Que eu estude obstetricia, que vá ser parteiro! Que lembrança! Que achado! Que risota!

É escusado procurar o Oscar estes recursos para fazer rir: para a gente achar-lhe graça basta ler o que elle escreve *serenamente* e sem *parti pris*. Inda me sabem hoje as gargalhadas que dei ao ler os seus *Contos do meu tempo*!

Para destruir o que da seus livros eu disse n' *A Republica*, Oscar transcreve algumas referencias que esse mesmo jornal lhe tén feito ultimamente—enahecendo-lhe as prendas.

Que lhe fazeam bom proveito estas e outras amabilidades equivoacas,—sarrafos com que o director da *Madrugada* vae erguendo o seu pedestal de gloria, o qual não passa de um tablado de feira, onde como os seus collegas de arte, os dentistas americanos, faz praça de multipas habilidades e apregoa no mesmo tempo os seus preparados odontalgicos e litterarios, todos panaceas, todos perniciosos à hygiene da bocca e da alma.

Vou terminar, mas não sem prevenir antes ao Oscar que vou ler os seus ultimos attentidos contra as letras patrias e sobre elles formular um libello accusatorio no estylo que S. S. já conhece e que tantas mataduras lhe deixou no dorso incongruente-

meme revestido de accessorios do punho, quando os deva ter de couro.

Despeço-me por hoje do Oscar dos meus quimilins, e lhe prometto que não mais o *desatrellarei* da *victoria* em que preendo fazer a minha viagem triumphal a immortalidade.

Up, Oscar! A galope!

Setembro—95.

ANTONIO SALIES.

Marinhas

I

A pequenina casa em que ella mora Ergue-se alli á beira mar. Apenas Outras do palha habita, nos pequenas A vista alcança pela prala a fora...

Passam no ceano, que murmura e chora Aves marinhas de alvejantes pennas Voando, garbosas, e as serenas. Fraquezas jangadas que ao raiar da aurora,

Partem, snicando as aguas agitadas, Levando as brancas velas desdobradas. Soltas ao vento que suspira... enquanto

As ondas vêm, borjadas de alva espuma, Estender-se na arôia uma por uma, Num choro triste, num continuo pranto...

II

Noite serena: esplendido o luar, Luar de agosto e bate, brandamente. No vasto arôial, interminio eluzento Que se distende ao longe orla do mar.

Recostada á janella, fita o olhar Marejado de lagrimas, dolente. No azul do cêo, medita tristemente Ella, a moça mais linda do logar.

Seisma tristonha, enquanto além as aguas Choram, casando as suas grandes magnas A's maguas que ella sente e que não diz.

Soffre. No entanto bom pudet um dia, Venturosa, ceicar-se de alegria, E muito coração tornar feliz...

ANTONIO DE CASTRO

O Velho Doutor

AO W. CAVALCANTI

I

Pelas immedições de uma de nossas mais florescentes cidades do interior todos conheciam um velho bacharel, pobre e despresado, que vivia completamente absorvido no seu idiotismo religioso.

Abandonara voluntariamente a magistratura, os bens de fortuna, a sociedade, e entregava-se a um carolismo de monge, incondicional e fanatico Um nuniaco.

Todos os dias o velho Doutor,—como todos o chamavam,—mal vestido, muito desgigado, tremulo, quasi plantado no grande arôial da estrada, passava, caminho a fora em procura da Igreja.

No seu renunciamiento absoluto à sociedade abandonara tudo. Uma grossa calça de algodão e um velho paludão de alpaca eram o seu traje invariavel;

para lencos se vin-se das folhas das arvores, de que sempre trazia no bolsos cheios.

Levava uma vida martyrizada pelas grandes penitencias a que se sujeitava resolutamente.

Para muitas pessoas credulas da vizinhança o velho Doutor gozava dos fôros de santo.

Outros, porém, mais *lires* mais *amaduros*, no vel-o passar, tremulo, vacillante, rien e exclamavam zombeteiramente:

—Aquillo é um pobre idiota!

—Não digam isto, replicavam outros, vocês bem sabem que é um Doutor *formado* e o vigario disse que elle é um santo homem que havia abraçado a *loucura d'acru*!

O velho Doutor levava ao excesso a mania de suas penitencias physicas.

Alta noite, quando tudo dormia, sahia elle a correr pela estrada, até cahir sem forças, morto de fadiga. Por isso na vizinhança, correu a historia de estar apparecendo um *bicho*. Uns diziam que era alma do outro mundo que andava fazendo penitencia, outros garantiam que era um lubis-homem, pois que tinham ouvido bater as orelhas, e alguns affirmavam até que era o proprio *demonio*, por causa de um amasiado que morava perto. Espalhou-se a noticia e todos os moradores andavam prevenidos.

Uma escura noite de inverno o penitente arrependeu-se seriamente de seu supplicio nocturno, embora tivesse offerecido a Deus, em desconto de seus pecados, o que lhe succedera. Não se lembron o velho do perigo a que podia se expor e correu para as bandas da casa de um vizinho que tinha dois cachorros, bravios, desesperados. Os cachorros apenas presentiram aquelle vulto a correr nas trévas partiram furiosamente a latir e o velho que já estava emçado da primeira corrida teve que dobrar de força e de presteza para não ser alcançado.

Os donos da casa alvoroçaram-se e todos armados correram para matar o *lubis-homem* e pelos gritos da victima que se debatia com os cachorros reconheceram felizmente que era o Velho, Doutor.

E não fosse a conta em que todos o tinham e teria elle ficado como *atrador* de lubis-homem.

—Era penitencia, disiam, o que o velho andava a fazer aquellas horas da noite!

Em toda a parte commentava-se pihericamente o caso. E o velho, apesar do respeito que impunha, sempre foi trocando pelos rapazes mais *atirados* e *libertinos*.

II

O velho não tinha quasi relações de amizade com pessoa alguma, e com as poucas com quem se dava só conversava sobre a moral dos costumes, o *desapego* às cousas terrenas, contra a vaidade e mais ainda sobre os grandes deveres do pa e da familia.

A regeneração da sociedade pela educação da familia, pelo amor e pelo exemplo era no que talvez sonhasse aquelle pobre invetido que nada podia fazer em prol do adiantamento de sua patria.

E quando fallava neste assumpto vir-se distinctamente que suas feições se alteravam, tornava-se pallido e um estremecimento agitava-lhe o corpo emmagrecido. Tinha uma folha do boço e passava-a no rosto como para desfazer os signaes evidentes de sua perturbação.

Um profundo segredo talvez existisse na historia daquelle velho titulado abandonado ao esquecimento e à miséria.

A não suppor-se uma alienação mental, ninguém sabia a causa daquelle despreso, daquelle renunciamiento ás posições sociais e ao bem estar que podia gozar na cidade onde fora um dos primeiros magistrados.

Indifferente a todos os conceitos que a seu respeito se podessem fazer, pouco lhe importava dar a razão que o impellira a isso.

Não quiz, porém, que o tumulto guardasse eternamente o seu segredo e deixou-o revelado a uma pessoa de sua íntima confiança.

III

Logo formado em direito pela Academia de Olinda, voltara a sua cidade natal como promotor de justiça e ali casara com uma sua prima que o havia esperado durante todo o tempo de sua formatura. Mais tarde fora nomeado juiz municipal.

Ao principio amara sua mulher com todo o ardor, com toda a impetuosidade de moço e sonhador. Eram muito felizes.

A tranquillidade de sua commarca permitia-lhe passar quasi todo o tempo em sua grande fazenda.

Tiveram o primeiro filho e do berço da creancinha fiseram seu altar. Era o filhinho louro e risonho o idolo de suas adorações e affectos. Ella era sempre a mesma; boa e amorosa como no primeiro dia do noivado. Procurava adivinhar os seus mais diminutos desejos. A maternidade não lhe roubava traço nenhum de belleza, pelo contrario, tornava-a mais formosa ainda. Com o amor de mãe, com aquella affectividade santa continuava a ser mais amorosa esposa, mais terna compaheira. E no entanto, elle sem o saber porque, sem o saber explicar ia perdendo todo o amor, toda a affeição aquella a quem só deveria adorar ainda mais.

Cada dia, mais augmentava sua abnegação, seus desvelos; no entanto que elle mais se tornava indifferente e abhorrecido.

Tornou-se grosseiro, brutal, desprecavava-a, sentio mesmo por ella uma especie de repulsa; por fim, não a odiava rancorosamente, mas não a tolerava, não podia vê-la. E ella, coitada, com a resignação de um martyr, innocente e ingenua esforçava-se por lhe ser agradável.

E aquillo o desesperava!

Não a abandonava porque respeitava, temia os preconceitos da sociedade.

Era uma revolta íntima, diabolica que sentia desesperadamente n'alma. Revoltava-se contra todos e contra tudo. Uma sociedade inconsciente e absurda!

Muitas vezes sahia precipitadamente de casa, fazia longas viagens sem

negocio algum; mas em toda a parte este inferno o atorrava; parecia-lhe até, que distante de sua mulher ainda soffria mais. Fazia-lhe mal a felicidade dos outros, todos os homens eram hypocritas, não podia existir ventura ao lado de uma mulher.

Voltava á casa e não podia ficar sua esposa, a pallidez que ja lhe cobria o rosto causava-lhe nojo. sentia um tedio mortal áquella creatura.

A's vezes, porém, vinha-lhe ao coração uma sombra de arrependimento e inqueria de si a razão porque abominava sua esposa e não encontrava. — Ella não era a mesma tão boa, tão virtuosa?

E fazendo um esforço superior procurava vê-la, mas absolutamente não podia, aquillo não estava em si; obedecia irresistivelmente áquella força de antipathia que o tornava uma fera, um homem desgraçado, porque afinal soffria muito também.

Perdera até o amor do filhinho porque a creança parecia-se com a mãe.

A pobre Senhora definhava, morria lentamente.

Seus negocios iam quasi sem direcção porque aquelle desespero absorvia-lhe toda a existencia. Por ultimo trancaram-se em um gabinete e não apparecia a ninguém, morria de apathia.

Muitas vezes, quando lhe chegava aos ouvidos um gemido de sua esposa tinha um impeto diabolico de partir a ella e estrangulá-la.

No entanto ella já prostrada morria de dor e de amargura.

Quando, as vezes, aclaravam-se um pouco as sombras de seu espirito, reconhecia que aquillo tinha uma causa patologica e procurava nos livros o remédio de seus males, debalde, nunca encontrou.

Um dia chamaram-no; sua mulher agonizava. Rempendo grande repugnancia, aproximou-se do leito e o ultimo olhar que ella lhe dirigiu, embacado, quasi sem luz, mais sempre terno e cheio de magua, vibrou-lhe n'alma ainda um laço de indignação e de tedio.

Sentou-se ao lado do cadaver cumprindo assim um dever doloroso, dever quasi superior ás suas forças. Automaticamente, sem que o sentisse fitou o rosto macilento do cadaver ao principio olhava-o com indifferença, (seu estado de desespero, quasi não lhe dava consciencia) depois uma especie de interesse foi-se-lhe despertando insensivelmente. Olhava-a sem tedio, sem nojo. As sombras de seu espirito como por encanto desapareciam uma a uma.

Fitou-a encarecidamente ja lhe encontrando uma certa belleza; reconheceu-lhe um pequenino signal na face, a maciez avelludada de sua tez e, enfim, aquelles mesmos traços de outrora. E sua mulher como n'uma transfiguração apparecia-lhe agora radiante de formosura e de amor. Um arrependimento brusco sacudiu-lhe rijamente a alma e elle sentiu renascerem todas as suas affeições por sua desgraçada mulher.

— Sim era ella! tão boa, tão innocente, aquem elle havia roubado lentamente a vida!

Um amor íntimo, ardente, um arrependimento sem nome levavam-no ao desespero e era mais infeliz porque não morria também ou não perdia a razão de uma vez.

— Pois bem— jurara elle— si não foi um homem feliz quando devia selar, de h'je em diante renegarei toda a felicidade da terra.

Depois desta confissão o Velho Doutor não se levantou mais e d'ahi a poucos dias entrava desconhecido, sem uma lagrima, sem um amigo, no larga porta do cemiterio da cidade donde era filho e onde fora um dos primeiros magistrados.

(Dos Perfis Sentanços.)

JOSÉ CARVALHO

Sonho de amor

AO GUILHERME DE MIRANDA

Na tela fina dos mais puros sonhos
Com a tinta dos risos furta-cores,
Pinta Cupido mil painéis risonhos,
Traça Cupido mil painéis de amores.

Traça fidalgo de esculptura fina
O pincel-mestre patenteia agora:
A face tua, esplendida, divina;
Beijada em cheio pela luz d'Aurora.

E o sol erguido d'entre nuvens alvas,
Mostra em mil luzes um poema louro.
Teus pés perfumam setinosas malvas,
Cercam-te a cinta borboletas d'ouro.

Bandos de beijos, voltando em torno,
D'aurora rubra dos teus quentes labios,
Como embebedos num delirio morno,
Gosam voando os seus vitaeos resabios.

Pelo teu rosto,—de canduras ninho—
Sóhe um rubor a denotar enleios ...
Roupas de lirios beijam, com carinho,
A rosea ponta dos teus jaspeos seios!

E a candidez da luz desaparece.
Ao despertar-me emfim do sonho amado,
Tendo na bocca o alvor de ardente prece,
E o lirio do prazer despedaçado!...

Belen — Fevereiro — 85.

MANOEL LORATO

Deserente

AO JOSÉ CARVALHO

Quem quer que olhe attentamente para aquelle rapaz que anda sempre contemplativo e triste, como quem fez do coração ninho de côrvos agorarentes, não dirá que outrora, quando sua alma de poeta estremecia de prazer e gozo a luz tremula de olhar fulgido, foi expansivo e sabia dar umas gargalhadas estrepitosas e cheias.

Parece que naquella coração que se inflamava ao attrito de amor immenso passou o tufão negro da deserença e seus labios perennemente abertos em riso fraco são hoje um campo morto onde vá,

repousar eternamente todos os prazeres e todas as alegrias. E assim com a physi-nomia de quem soffre uma dor irre-mediavel elle vai fazendo a travessia do deserto da vida.

Nunca o acabrinham tristeszas e magadoras e pungitivas como as que lhe assallam agora o espirito. Eraduma loquacidade pasmo-a e ria muito: e seu riso era uma tortura para os burguezes que só pensavam em ter muito dinheiro o têm a velledade de suppor que a felicidade consiste em ter muitas libras a tilintar-lhes nos bolsos.

Quando elle atravessava as avenidas do *Passeio Publico*, vestido de roupas es-palhafatosas, com uma rosa rubra presa à lapella do palitot, ar de quem conquistou com bravura tropheus gloriosos, todo o povo que estava alli o olhava com espanto e chamava pretencioso. E o pas-sava alancero e lançava um desdenhoso olhar, porque não via, no meio da multidão, uns negros olhos que enchiam de luz sua vida de bohemio.

Hoje vela-lhe o semblante o sudario da tristeza e conserva-se n'um discreto mutismo como quem receia revelar ao pu-blico o *mal secreto que lhe devora a vida*.

24—15.

FRIVOLINI CATAVENTO.

MAGNETISMO

Não sei que força impetuosa, extranha teus no teu brando e carinhoso olhar, que para mim possui uma tamanha atração mysteriosa e singular!

Do teu olhar se a doce luz me banha eu sinto o sangue em ondas borbulhar, então a chamaq' em meus se entranha tem o calor da intensa luz solar!

E que o fogo do amor que nelle habita a minha Carne estremunhada excita me ateando a febre ao doudo coração!

e quer estejas de mim longe ou perto no peito ou tenho um claro sol aberto e na alma, acceso, um calido volcão!

[Das — Vagas]

Cecilia—3—94

SABINO BAPTISTA

Imprensa Litteraria

Revista Brasileira—De mais dois fasciculos desta esplendida publicação temos que registrar hoje o recebimen-to.

Um é correspondente à segunda quinzena de Julho e tem o n.º 11, o outro corresponde à primeira quinze-na de Agosto e tem o n.º 15. Do primeiro fasciculo destacamos os bellis-simos versos de Alberto de Oliveira, *Trechos de um poema*, e o magnifico artigo (conclusão) de Carlos Parlagre-co, *a Arte e a Critica*; do segundo po-demos dizer que muito nos agradaram *A philosophia do Direito*, de Martins Junior, e o interessantissimo artigo de Joaquim Nabuco—*Um estudista do Imperio*.

Revista Juridica—N.º 6. Encerra este bom numero do magnifico orgão da Faculdade Livre de Sciencias Ju-ridicas e Sociaes do Rio de Janeiro criteriosos e bem lançados trabalhos firmados por Arthur Orlando, José Valverde, Valeriano Lima, Bandeira de Mello, Coelho Rodrigues e outros conhecidos homens de seteneta, o que muito e muito recommenda a propecta collegia.

Sirius—N.º. 11 e 12. Da Bahia re-cebemos mais dois numeros desta re-vista do Gremio Evolução que conti-nua sempre interessante e atrahente.

Revista do Norte—N.º 9. Mais uma outra revista bahiana temos sobre a mesa. Intitula-se *Revista do Norte* e é dirigida por Sidney Fisher tendo como redactores Vespasiano Tourinho, Camillo Borges, Dionisio Penna e Anto-nio P. da Silva.

A *Illustração*—N.º. 13. Traz este numero desta interessante publicação pernambucana o retrato de Gaspar Regueira Costa e um formoso soneto de Paulo de Arruda, intitulado *Melancolia*.

Revista Contemporanea—Numero 15. Com o presente numero, que esta magnifico, entrou a *Revista* no seu segundo anno de vida, vida que foi sempre de triumphos para os seus redactores e de impulso e aproveitamento para as letras pernambucanas.

Saudando a sympathica collega por tão auspicioso acontecimento só temos que augurar-lhe longa existencia e muitas glorias para os seus incansaveis impulsionadores.

Revista Moderna—Numero 10. Edição comemorativa do seu primeiro anniversario collaborada por varios honens de letras de Pernambuco. Com effusão cumprimentamos a esti-mavel collega e desejamos-lhe uma existencia de Matuzalem...

Travessa—N.º. 5 e 6. Temos tam-bem que agradecer a remessa de mais dois bons numeros desta sympa-thica revista do Centro Litterario que vai dia a dia se tornando cada vez mais interessante. Delles destacamos o *R. coração*, de Annibal Theophilo, incontestavelmente um bellissimo so-neto.

Revista Portuguesa—Fasciculo 6. Joaquim de Araújo, nesse presado collaborador e consorte, mandou-nos mais um excellent numero d'esta magnifica publicação portugueza de que é digno director. Traz o presente fasciculo um opulento e precioso ca-bedal de harmoniosos e sonoros ver-sos firmados por João Penha, João de Deus, Joaquim de Araújo, e Mano-el de Moura, além de vibrantes e formosos trechos da prosa de Gomes Leal, Ramalho Ortigão, Souza Mar-tins, Visconde de S. Boaventura, Tei-xeira Bastos e Julio Brandão, nomes vantajosamente conhecidos e venera-dos não só em Portugal como no Bra-zil. Com o presente numero completa a *Revista Portuguesa* o seu primeiro volume, e é pena que a nossa colleccão esteja truncada faltando-lhe os nume-ros 4 e 5, que não recebemos, e que reclamamos do nosso estimado col-la-borador e confrade.

A *Madrugada*—N.º. correspondente a Agosto, findo.

Encerra o numero que temos pre-sente dois bonitos sonetos, um de Venceslão de Queiroz, distincto poeta paulista e outro de Julio Brandão, co-nhecido poeta portuguez, e assim como um desopilante artigo de Lopes Car-queja contra Antonio Salles. E' de um comico irresistivel o tal Lopes Qu'arqueja e que não é mais nem nu-mos do que o charlatão do Oscar Leal, cuja *ruidosa* e crecida bagagem luteraria-ba de passar á posteridade como um monumento de sandice humana.

Em outra secção Antonio Salles da-lhe e merecido troco e nós, uma vez que nos occupamos da *Madrugada*, vamos transcrever uma espirituosa quadra que Anatolio Gerval improvisou apoz a leitura de uma impagavel noti-cia que ellada sobre o Correio do Ama-zonas:

“O Doutor Oscar Leal,
Que aqui sempre foi dentista,
Azulou p'ra Portugal
E lá se fez... jornalista!”

E agora para agradecer a remessa de todos os distinctos collegas esgra-mam-se os adjectivos, e para não rep-tir-mos a chapa do costume que diz *retribuiremos*—pingamos o potno fi-nal.

SATIRO ALEGRIETE.

Através do sonho

A ROBERTO DE ALENCAR

Cerros olhos de noite enquanto o sonho
Não chega, e deixo-me ficar sonhando.
Nesse abstracto e languido abandono
Dequem com o coração vai conversando.

E como um triste e luminoso bando
De garças sobo azul de um ceo de outomno
Vão minhas utopias emigrando
Do altar aonde o teu amor enthrono.

Throno de flores que a illusão colorá
Minuto por minuto, enquanto chora
O coração no intimo, sentido,

Aonde o teu amor mal pousa e aonde
Minha esperança ultima se esconde
Como um passaro triste e mal ferido.
[Dos Dolentes]

LIVIO BARRETO

Punição.

A LOPES FILHO

Passa alquebrado, velho e macilento,
Sem um raio de luz dentro dos olhos.
Que do caminho mostre os nós escolhos,
Que a sorte reserve p'ra seu tormento.

Caminha... e o passo é vagaroso, lento
A tactear da vida nos abrolhos!
E a barreira trevoza dos antolhos
Romper não pode a luz, n'isso momento.

Este cego, que Deus assim castiga,
E na treva a cegueira faz que siga
Sem um conforto, a caminhar a sós,

Quando menino procurava os ninhos
E os olhos dos implumes passarinhos
Furava rindo com cruzes atroz!

RODOLPHO THEOPHILO